

Um dia eu disse que **NEM ERA ELEITOR**. Ela disse que não era *candidata*. **Rimos**. Então ela me disse que *estava cansada* de ser a filha do Senhor Polovsky e que o nome dela era **Ludmila** mas que podia chamá-la de *Mila*. De noite todos os **GATOS SÃO PARDOS**, pensei. E ficou assim me ganhando **no grito** como disse o **catorzinho do Boca**. Eu sentia o olhar como um **PUNHAL** das meninas do morro. ***EU SINTO.***

4.

A Graciano de setembro saiu. E a revista desse mês não tem só literatura. Os cronópios também fizeram jornalismo e contaram com a ajuda do Coletivo Foi à Feira para ilustrar seus textos inéditos da Valise.

A seção XXI desse mês fala dos escritores Alexandre Moraes e Wladimir Cazé, com perfil e entrevista dos dois. Nosso orientador, Erly Vieira Jr, continuou com sua série de entrevistas e artigos dos grandes autores do Espírito Santo. Dessa vez, lá na Biblioteca Básica, você se encontra com Sergio Blank e sua poesia.

Para quem serve a poesia? Os cronópios acompanharam essa discussão, realizada no Café Literário, com a presença de três grandes poetas: Erly Vieira Jr, Fabricio Noronha e Sergio Blank. Também aconteceu, um dia depois, o lançamento do Blog Garganta, site do grupo Sol na Garganta do Futuro. E como os cronópios não perdem uma festa, – claro, pela Graciano vale tudo! – também cobriram o evento. O cronópio Sidney Spacini ainda fez duas entrevistas, uma com o porta-voz do Sol, já citado no debate do Café Literário, o escritor Fabricio Noronha; e outra com o Fábio Malini, professor e defensor da livre circulação de conteúdos na internet, também presente no lançamento do Blog Gar-

ganta.

A edição número 4 da Graciano traz também perfis de duas figuras da cena literária do estado: Amylton de Almeida e Jeanne Bilich. E os perfis seguem juntos, como a relação dos dois, uma amizade de uma vida inteira. Nesse mês completam-se 15 anos sem Amylton, e a Graciano não poderia deixar de homenagear o escritor – e também a amizade dele com Jeanne. O cronópio Daniel Vilela encarregou-se da missão e a cumpriu muito bem, com seu “Cartão de Ponto”. Após seu texto, você poderá ler um trecho da carta de Amylton para seus amigos, poucos dias antes de falecer, onde dedica uma parte à amiga Jeanne Bilich. Ainda na Graciano de setembro, a Casa foi Tomada por Carol Ruas, com seu Airbus.

O Chá das Sete está imperdível. Convidamos o escritor Adilson Vilaça, que já publicou mais de 40 livros, para a conversa que você vê aqui. Adilson se mostrou um grande contador de histórias – como não podia ser diferente – e, em um clima descontraído, falou um pouco de sua literatura.

O Dossier, com curadoria de Erly Vieira Jr, te convida a ler em voz alta. Textos de Alessandro Darós, Reinaldo Santos Neves, Paulo Sodré, Francisco Grijó e outros consagrados da literatura do Espírito Santo, são oferecidos a você, ilustrados com as fotografias de Luara Monteiro. Mas leia em voz alta, ok?

Você deve ter ficado um pouco ressentido pela pouca quantidade de textos dos cronópios na edição passada. Pois bem, a Valise desse mês vai te dar uma dezena de escritos inéditos deles! Isso mesmo, dez textos para você compensar a falta de agosto. E tem mais: os contos e poemas vêm acompanhados de ilustrações do pessoal do Foi à Feira, outro núcleo de criação contemplado pela Rede Cultura Jovem, em um especial que será publicado após a Graciano 4. A parceria deu certo, é só conferir!

Os editores

literatura brasileira feita no
espírito *santo*

GRACIANO

Literatura Brasileira feita no Espírito Santo.
Julho de 2010. Nº4, Ano 1.

EQUIPE EDITORIAL

Astrid Malacarne. Brunella Brunello.
Daniel Vilela. Fernanda Barata. Isabella
Mariano. Leandro Reis. Lívia Corbellari.
Lucas Schuina. Lucas Rocha. Mainá Lou-
reiro. Marcela Coelho. Sidney Spacini.
João Ligeiro. Gian Le Fou.

ORIENTAÇÃO

Erly Vieira Jr (Depcom-Ufes).

DIAGRAMAÇÃO

Astrid Malacarne, Isabella Mariano, Lívia
Corbellari, Lucas Rocha e Sidney Spacini.

Projeto Gráfico

Daniel Fernandes, Lívia Corbellari, Lucas
Rocha, Mainá Loureiro e Sidney Spacini.

FOTOGRAFIAS

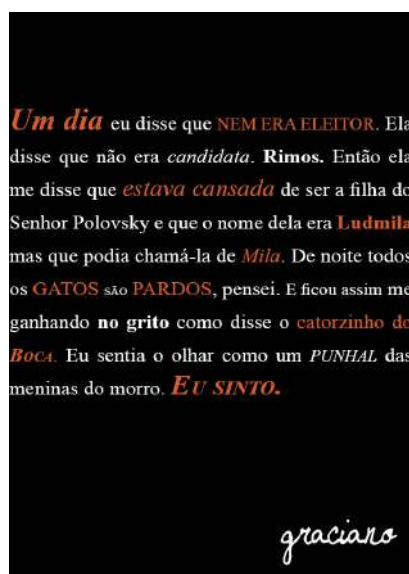
Luara Monteiro

REVISÃO

Fernanda Barata e Leandro Reis.

Colaboradores

Carol Ruas



ERRATA:

Ao contrário do que foi noticiado na Graciano 3, no texto "Songbook Sérgio Sampaio" (p.43), o músico Lucius Kalic, em sua apresentação no projeto Agora às Sete, tocou composições de sua autoria, e não as de Sérgio Sampaio, conforme foi publicado no texto.

Capa: *Identidade para os Gatos pardos,*
de Adilson Vilaça

graciano

| | |
|----|--------------------------------|
| 06 | XXI |
| 28 | Chá das Sete |
| 38 | Valise |
| 54 | Café literário |
| 55 | Dossier |
| 74 | Casa Tomada |
| 78 | Lançamento do Blog Garganta |
| 82 | Biblioteca Básica |
| 90 | Cartão de Ponto |

“

O esforço dos filósofos
tende a compreender o
que os contemporâneos
se contentam em viver

”

NIETZSCHE
filósofo

XXI

vinte e um

literatura deste início de século

ALEXANDRE MORAES

E

WLADIMIR CAZÉ

POR ERLY VIEIRA JR E LUCAS SCHUINA



NOME COMPLETO: ALEXANDRE MORAES

IDADE: 55

CIDADE DE NASCIMENTO: RIO DE JANEIRO

LIVROS PUBLICADOS: Preparação para o exercício da chuva (Vitória: Aves de Água, 2010); A seqüência de todos os passos (Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2009); Paisagem sobre corpo em silêncio (Vitória: Flor&Cultura, 2008); Coisas quebradas (Vitória: SECULT, 2005); Pequenos filmes sobre o corpo (Vitória: IHGES, 1997); Objetos com nomes (Vitória: Edufes, 1995); Pra-to do dia (Rio de Janeiro: Corações Tropicais edições, 1980); Pelo Bolso escuro (Rio de Janeiro: Edição do autor, 1978).

PROFISSÃO: Escritor, pós-doutor em Literatura Brasileira pela UFF e professor do Departamento de Letras da Ufes. Atualmente, está à frente da Editora Aves de Água, junto com Casé Lontra Marques.

POR ERLY VIEIRA JR

Na entrevista a seguir, Erly Vieira Jr conversa com Alexandre Moraes sobre seus três últimos trabalhos, lançados nos últimos dois anos. São volumes que mesclam poemas e textos curtos em prosa, revelando uma escrita bastante peculiar, sofisticada e instigante. Ou, como escreveu certa vez Miguel Marvillá: “Alexandre Moraes, na guerra solitária perdida diariamente contra a transitoriedade, embora reconheça estarem ‘todos sempre em outra sintaxe, em outra noite, em outra história, em outro filme, em outra miséria’ e que ‘a isso damos o incessante nome de estar respirando’, insiste em recorrer às palavras, recobre-se delas, embebeda-se com elas, como se assim fosse possível escapar ao destino inadiável. (...) A solidão de cada um é universal. Alexandre sabe que falar de si é falar de nós”.

Paisagem sobre corpo em silêncio me faz recordar o tempo todo a idéia das paisagens como construção simbólica, modalidades de preencher o espaço com afetos, lugares pelos quais a memória e o corpo efetuam seus percursos. E, ao ler seus poemas, tenho uma ligeira impressão de que tanto as paisagens quanto os corpos são inquietos da maneira como aparecem em seu livro, assumem-se bastante ruidosos, como se ambas as instâncias recusassem o tal silêncio que o título do livro talvez desse a entender antes do leitor começar a lê-lo... gostaria que você comentasse um pouco sobre isso.

Sim, a paisagem para mim ou para este que escreve é, realmente, uma construção simbólica, carregada e atormentada; de fato, também, é um preenchimento dos espaços de todos os tipos com afetos, pensares, objetos dos mundos internos e externos a todos os eus que povoam aquele(s) que me escreve(m) e escrevem nesse eu(s)/aquele(s). Paisagem é extensão, é percurso, são os corpos em intensidade, é exercício no fundo e nos rasos das coisas, é movimentar-se pelo mundo e suas histórias, é ainda uma espé-

cie de memória para sempre e sempre nova. Quer dizer, memória no sentido do que vivido e do que transvivido no presente que lembra e vive criando o que viveu. Eu vivo paisagens, todas as paisagens, entro e saio por portas estranhas em paisagens, me estranho e me acompanho em paisagens. Para entender, acho que o Wilberth e o Casé tentaram explicar criticamente esses elementos: paisagem, corpo e silêncio. Eu vivo intensamente quando estou (ou será que nunca saio?) nesse estado inevitável de escrita. A escrita é sobre a paisagem de um corpo plural em silêncio que se movimenta no ruído de todos os tons e também na atonalidade de existir. Viver é muito aleatório e também meio atonal, então, surgem paisagens, aparecem corpos e silêncios para sempre a percorrer e a preencher.

Num dos textos de apresentação do livro, o Casé Lontra Marques fala de, ao mesmo tempo, haver em seus textos uma busca pela velocidade, “retorcendo a sintaxe”, e pela lentidão, ressaltando a “urgência em parar”. De certa forma, essa dupla condição muito surgiu em minha leitura, arriscaria-me a dizer, por você dar uma certa ênfase à dimensão corporal (inclusive num sentido da materialidade física desse corpo, de sua sensorialidade, de suas pulsações) não só na temática, mas também na linguagem (algo como a afirmação “de uma outra prática de respiração”, que o Casé aponta em seu livro). Seria isso mesmo?

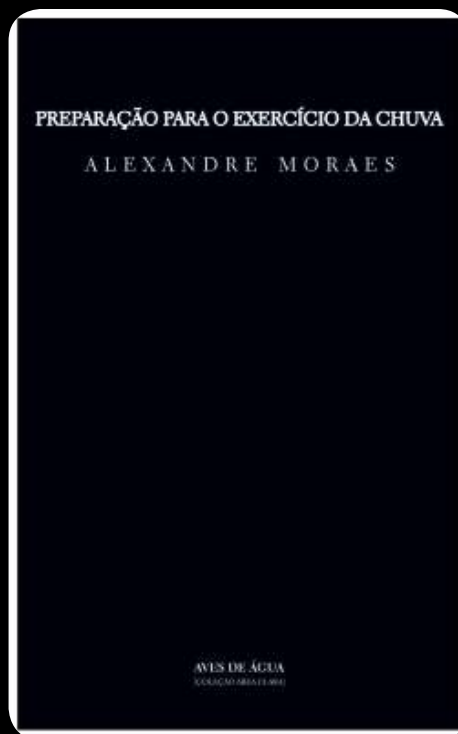
Sim, sim. Tanto você quanto o Casé tocaram o que eu realmente coloquei naquele livro. Essa ambiguidade extrema entre movimento/velocidade e silêncio/fala, sensorialidade, pulsação e questionar-se diante da existência é o que estas paisagens sobre corpos tentam passar ao leitor; tento a velocidade para alcançar o sentido e tentar percorrer a atonalidade de existir. Também o fato de parar para perguntar porque somos e existimos nessa dor ou cor intensa de estar atonais e aleatórios. A respira-

ção é a nossa possibilidade de estar no mundo, de sentir o mundo, de entender a velocidade e a forma de estar parado, um tanto como Alice que corre o tempo todo sem sair do lugar. Parar é como movimentar-se, em outra escala, em outra forma de existir. Velocidade é quando o corpo pode respirar, sentir e pensar e não apenas repetir movimentos herdados. Procuo uma prática de existir que seja entre a velocidade da pulsação ininterrupta e a parada infinita da paisagem que faz transcórrer e percorrer o mundo. Suspeito que essa outra prática de respiração seja exatamente essa procura intensa e infinita da própria poesia como raiz da existência.

Em seus últimos três livros, há um domínio pelos versos, mas também há muitos textos em prosa (eu arriscaria dizer que são pequenos contos), que irrompem sem cerimônia no decorrer de cada livro. Por que essa escolha em misturar livremente poesia e prosa na construção de estruturas que, inclusive, fogem do caráter tradicional de um livro de poesia ou de ficção e que, a meu ver, muitas vezes aproximam-se de um caráter ensaístico, ao redor do tema central de cada livro?

Sinto velocidades, paisagens, sequências, filmes de corpos sobre as coisas, sentidos em deslocamento e tudo isto tem materialidades flutuantes e mutantes, portanto pode ser verso, podem ser histórias, sim, pode ser esse enorme híbrido que é o fato de estarmos vivos ou mortos, são histórias, Cut up cinematográficos, formas de pensar, textos que se prolongam na miséria dos passos e na intensidade da água, na enxurrada de sentidos e de sangue que se espalha sobre a pele das coisas. Não são ensaios, mas pensam o tempo todo esses textos; não querem ser ensaios, mas guardam algo de ensaios, são híbridos, são formas misturadas de colher o mundo dentro das palavras. É talvez esse sentir ambíguo da velocidade e da parada, da estática e do movimento além de estar.

A sequência de todos os passos me parece ser uma grande reflexão sobre o movimen





paisagem sobre corpo em silêncio
alexandre moraes



a sequência de todos os passos
alexandre moraes

Contraria do Vento

to. Não só o dos corpos e das atitudes, mas também a própria ideia de um devir temporal, um mergulho nos fluxos do mundo, no transitório dos sentidos e sentimentos (como no texto da página 18) e na impossibilidade de repetição da própria experiência (como na pergunta que abre o poema da página 46)...

Na verdade é um livro sobre muitas coisas, mas, sobretudo, sobre o movimento e as sequências que podemos dar a esses movimentos. Há um devir muito além do tempo e da intensidade de estar em movimento, afinal só é possível estar se estar significar viver em movimento. Longe do movimento e de sua necessária parada não há existir nem o processo de fazer existir as coisas que estão no mundo. E como podemos fazer existir o mundo que sempre nos antecede como dádiva, mas que temos fazer existir para nós, para os outros nesse devir de sentidos? Como? Criando formas e com o cuidado de saber que toda forma nova pode nos levar a perda de todo o sentido que é a repetição e sua estética complexa de morte, de inexistência. Como viver o movimento de uma cor, de um pedaço de metal caído sobre o chão, como viver essas transparências na carne dos corpos e no sexo e seu movimento incessante e incandescente? Como deslizar na linha que há para esse mar maior, perigoso, de estar no mundo das coisas, dos sentidos, e dentro do movimento procurar o enigma diluído sobre tudo? Como? A poesia é uma forma de tocar tudo isto, de se inserir em tudo isto, mesmo quando a poesia não tem palavras, é o tal “verso cristalino” sem palavras a que se referia Drummond quando dizia que “verso cristalino mesmo é verso sem palavras”. Quer dizer, Drummond falava da experiência maior e transcendente da poesia e nós aqui tentando captar esse movimento imanente que é a palavra transcendente e a sua possibilidade e, também, a sua intensidade, afinal só a palavra nos traz o mundo e sua essência, ou como dizia Heidegger: “só temos acesso às coisas e sua essência através da palavra”. O verso cristalino sem palavras pode ser até experimentado em algum movimento do mundo, mas vivido intens-

amente só nas palavras. Viver é estar na chuva das palavras, na enxurrada e na avalanche em deslize, no alumbramento e nos vértices das palavras.

Seu último livro, Preparação para o exercício da chuva, como bem ressalta a Rafaela Scardino no texto que o apresenta, retoma (inclusive de maneira bastante irônica) essa idéia de fluxo a partir da fluidez da própria água, e de sua dualidade de limpar/renovar mas também de ser uma força destruidora. O que seria então esse “exercício da chuva” para as vozes, muitas vezes resignados sobreviventes dessa enxurrada toda, que enunciam os textos presentes no livro?

Exercício da chuva é estar no mundo, na dor, no alumbramento, na ironia, no movimento, na intensidade. Estar só poderá ser intensidade e a chuva só poderá representar para mim, que nasci carioca e vivo capixaba e, portanto, na e com a chuva que é sempre e inadiável; a chuva é o lugar e chove por/para/através de um sempre ambíguo e inigualável; para mim ou para esse que escreve, a chuva é a imagem e o estado de inserir-se no mundo e sua dor, suas vozes resignadas e sobreviventes, intransigentes, felizes, mutiladas e infelizes, criação e destruição: a chuva é a própria ambiguidade intensiva de existir.

“Viver é
muito
aleatório
e também
meio
atonal...”

Direção: Chuva

o equívoco do movimento circunscrito na dor
sem memória dos desejos
desatando a história brutal do vivido todos os dias

ainda
e neste pé

adiante.

sem silêncio
morder a fruta do mundo para sempre intacta

qual a estratégia desse movimento?
qual a dor desse momento que não cabe na maior

na cor insegura que dói sem doer e arde sem mar?

por que sentir a instabilidade sob os dedos
no equívoco do movimento?

a fruta insegura do mundo nunca mordida,

amor que se prolonga para o bater de um mar na infrutífera solidão
que cresce instável dos olhos
cachorro mordendo o ar

neste pé
seguir para a chuva

adiante do silêncio inexistente das coisas

há um mundo na manhã insone para sempre

as perguntas lacerando a praia inacabada do olhar

sobre a noite insalubre
tomar o ônibus
estender os dedos sobre as coisas
seguir em talvez e ainda
na seqüência aqui da dança incolor de todos os passos

(extraído do livro *A seqüência de todos os passos*, 2009)

Imenso vermelho

A febre vai comendo pelas beiras a substância inevitável da paisagem. A cabeça desabada sobre a noite de desassossego enfrenta o sol se derramando sobre os membros.

A vida coalhando sem stop; a poeira tomando os poros que, invadidos, retira o brilho da pele. A febre cheia de números vermelhos pelo mercúrio dos termômetros; a luta contra os homens que estão a dentro no labirinto aquém da testa.

Ali estou tentando arranjar-me com a minha dor, morrendo de febre todos os dias, sentado sobre uma paisagem dobrada a sentir, ainda assim, o pau latejar sob a calça,

vendo a trepidação de um desejo incurável e desconhecido se insinuando na dor. Até que mato meu pai e, ainda vivo, levanto e me cego diante do imenso céu vermelho.

(extraído do livro Paisagem sobre corpo em silêncio, 2008)



Tocar o tempo

tocar o tempo
ossifica as caras e os sentidos a noite e a respiração bebida
que surge pela tempestade desajustada sobre as ruas imensas
cobertas de aço e caras
de um ao outro como uma chuva sem lados
seguro com os lábios os fios e as
pontas da água que se infiltra
pelos ossos pelo algodão sujo das roupas
sinto latejar os dedos
as caras somem engolidas
desfabricadas
diante de fios de olhos
detritos de sentido
nas coisas, luas e incêndios
retidos ao controle do dia
silencioso
de direções
instalado como uma palavra
no centro da mão
dos ossos e músculos depredados na circulação do sangue
de tanta rua
tanto resquício de olho

(extraído do livro Preparação para o exercício da chuva, 2010)





Foto por Bárbara Cazé

NOME COMPLETO: WLADIMIR CAZÉ

IDADE: 35

CIDADE DE NASCIMENTO: PERNAMBUCO,
PETROLINA

LIVROS PUBLICADOS: A filha do Imperador que foi morta em Petrolina (cordel, 2004), Microafetos (poesia, 2005), ABC do Carnaval (cordel, 2009) e o mais recente, Macromundo (poesia, 2010).

PROFISSÃO: Escritor e Jornalista

POR LUCAS SCHUINA

O poeta Wladimir Cazé está há 10 meses em Vitória, mas não há garantias de que vá se fixar na cidade. Ele gosta de se deslocar, diz que isso é uma de suas grandes fontes de inspiração. Mas ele está aproveitando o seu relativo desconhecimento da capital capixaba para ficar em casa e se dedicar mais à leitura e à escrita. Foi por isso que ele escolheu morar aqui.

Nascido em Petrolina, Pernambuco, Wladimir Cazé se mudou aos 12 anos para Salvador, a capital mais próxima de sua cidade natal. Lá, terminou os estudos básicos e formou-se em Jornalismo. Queria cursar cinema, mas desistiu por falta de uma faculdade mais próxima. Passou alguns anos trabalhando nas editoras de cultura e informática do Correio da Bahia, até se tornar assessor de imprensa da Infraero. Havia escolhido o Jornalismo como profissão por considerá-lo o caminho mais viável para alguém interessado em se dedicar à escrita. O emprego na Infraero acabou sendo melhor financeiramente, além de lhe dar a oportunidade de exercitar seu espírito nômade. Assim, chegou a São Paulo em 2003 e por lá ficou durante três anos. Voltou para Salvador, ficou mais três anos e depois veio pra cá para se afastar um pouco da “badalação” da capital baiana, cidade em que viveu por 17 anos e onde têm muitos amigos.

Wladimir Cazé também chegou a alcançar certa notoriedade como um dos coordenadores das “Edições K”, um selo independente que ele criou em 2004 com um grupo de amigos escritores para se lançar no mercado cultural. “K” porque esta foi uma das letras excluídas do alfabeto em uma das reformas ortográficas (fazendo alusão à idéia de pessoas excluídas, neste caso, fora do mercado editorial) e “K” por causa de Franz Kafka. De início, o objetivo era lançar apenas um livro de cada. O selo não tinha ISBN, código de barras, cadastro no Governo Federal, nada. Servia apenas para imprimir os livros e divulgar. Eles apareceram na Flip de 2004 para vender as obras e o projeto começou a ser comentado, com direito a notinha na Folha de São Paulo. Daí começaram a surgir os originais de outras pessoas para serem lançados pelas

Edições K. O selo foi desativado em 2006, devido à falta de tempo para ler os trabalhos que chegavam. O poeta de Petrolina diz que as Edições K estão na “geladeira”, que ainda podem voltar.

Cazé se disponibilizou a conversar comigo, numa quinta-feira à noite, sobre poesia, rotina de trabalho e sobre um romance em prosa poética que ele está escrevendo há algum tempo. A entrevista aconteceu em uma das salas vazias do Cemuni V, na Ufes, e o resultado você confere a seguir:

Em várias entrevistas, algumas de dois anos atrás, você diz que está escrevendo um romance poético... Como é que é isso? Você vai lançar quando?

Está parado. Eu comecei influenciado pela experiência de morar em São Paulo, mas ainda não consegui chegar ao resultado que quero. Mas já tenho algumas páginas escritas, e estou sempre pensando sobre esse livro e lendo coisas relacionadas a esse projeto. Fiz algumas pesquisas sobre a história das migrações nordestinas pra São Paulo, a história de São Paulo, a história das secas, a história do Nordeste... São pesquisas que me inspiram na escrita, mas ainda não consegui desenvolver o texto tanto quanto quero. Minha vida pessoal passou por interrupções, e tenho uma rotina de trabalho pesada, que às vezes me dificulta manter uma disciplina de leitura e de escrita. De leitura nem tanto, mas de escrita é mais difícil, porque você tem que mergulhar no personagem, no ambiente... Ainda preciso voltar a me concentrar nesse projeto.

É bom a gente tocar nesse assunto porque tenho uma pergunta em relação a isso. Um dos conselhos do Rilke, nas famosas Cartas a um Jovem Poeta, é que este arrumasse um trabalho que não prejudicasse tanto o ofício dele como poeta. Pra você, que já foi jornalista cultural, agora como assessor de imprensa da Infraero, você acha que está um pouco mais afastado

disso?

De fato, eu procurei uma profissão que me aproximasse mais da literatura e que me permitisse trabalhar indiretamente com isso, já que é muito difícil você se profissionalizar em literatura no Brasil. Mas trabalhar numa empresa grande, fora do campo cultural, me proporcionou a oportunidade morar em outras cidades, chegar a São Paulo já com um emprego certo, por exemplo. Então, esse emprego numa empresa pública aparentemente me afastou da literatura, mas, por outro lado, me proporcionou uma estabilidade na vida, um conforto mínimo em termos de renda, que me permite me dedicar à literatura nas horas vagas. Eu não tenho condições de me dedicar integralmente a ler e escrever, mas tenho tranqüilidade para planejar a vida, viajar (que é uma das coisas que me inspira literariamente), comprar livros, ir aos eventos... Então, o que aparentemente teria me afastado da literatura, na prática me proporcionou condições favoráveis para esse ofício, sem falar também de experiências de vida em si. Eu penso hoje que, se tivesse ficado somente no jornalismo, teria passado por muitas experiências interessantes também, mas para um escritor todo tipo de experiência é importante, é válida.

E essas experiências aí já renderam poema?

Poemas, não; mas essa ficção em prosa poética que estou escrevendo tem um capítulo que se passa no aeroporto de Congonhas, onde trabalhei.

Você atribui grande importância ao fato de ter editado os próprios livros nos tempos das Edições K?

Foi muito bacana isso, porque tínhamos um designer, Delfin, que era parceiro, e assim eu podia escolher tudo no livro, a capa, as ilustrações, que também foram feitas por uma amiga, Iansã Negrão. O controle era total. Além disso, preparar os originais de outros escritores para a publicação em livro me fez compreender melhor como um texto pode se encaixar num



Foto por Edison Barreira



contexto maior. Hoje em dia, eu já penso meus livros como um todo. Já penso na capa, na sequência dos poemas, já penso na unidade dele enquanto produto. A experiência editorial com a K me fez passar a ver o livro como um produto completo. Ajudou a ter essa noção até na hora de criar.

Você também escreve muito na internet. Qual a diferença entre escrever para blog e escrever para ser publicado em material impresso? Ou você não vê grande diferença?

Eu comecei a publicar na internet através dos fanzines, principalmente do K-Zine, editado por Patrick Brock, mais ou menos em 2001. Eu vejo diferença sim. Comecei a escrever meu primeiro livro, “Microafetos”, justamente na mesma época em que comecei a usar e-mail. Eu escrevia um poema e mandava pra quatro ou cinco pessoas, depois pra umas dez, e aí recebia comentários que me ajudavam a aprimorar os textos. Foi um método que eu pratiquei sem planejar, espontaneamente, na criação do livro. Mas com relação à publicação na internet para um público amplo, acho que não muda muito, não. Depende do estilo do autor. A internet é um meio neutro, que pode receber textos de qualquer linguagem e estilo literário. Claro que alguns autores exploram mais recursos como o hipertexto, a brevidade... Mas eu realmente não tenho me preocupado muito com isso. Quero escrever um texto que sobreviva tanto na página impressa quanto na internet, ou até mesmo em áudio. Estou procurando isso.

“Microafetos” e “Macromundo” são para serem lidos como continuação. Por que isso?

Esses livros foram escritos praticamente ao mesmo tempo. Foi a minha primeira experiência em poesia, minha aprendizagem, minha prática. À medida que ia escrevendo, ainda sem saber se seria um livro ou que título teria, eu tinha a preocupação de que houvesse uma temática comum a todos os poemas, queria me ater a uma

certa estética. Quando fui lançar meu primeiro livro, tive que selecionar o material para ele. Depois, com o material que sobrou, acrescentei mais uns textos novos e fiz “Macromundo”. Se o primeiro livro tinha sido em torno da idéia de “micro”, o segundo seria o avesso disso, dando continuidade, mas com outro foco. Os dois livros poderiam ter sido um só. Um dia penso em vê-los editados no mesmo volume. Cairia muito bem. Eu considero os dois um livro só, mas na época não tive oportunidade de fazer isso.

Alexei Bueno disse uma vez que a poesia atual é como “cocô de cabrito: é sequinha, pequena e idêntica”. Você, que se diz seguidor da “poesia construtivista”, como avalia essa frase e o panorama atual da poesia?

É uma provocação que ele faz. Ele é um poeta de linguagem clássica, até mesmo conservadora, muito ligada à estética da geração de 45 do Modernismo. Olha, eu discordo dele. Vejo aí um preconceito e um reducionismo quanto à literatura e à poesia feitas no Brasil hoje, porque quem acompanha a literatura contemporânea com atenção percebe que ela não pode ser sintetizada numa única definição, num rótulo. Ela é muito diversificada, múltipla, existem diversas vertentes que correm em paralelo e que convivem harmonicamente ou desarmonicamente, como a vertente que o próprio Bueno pratica, mais clássica, conservadora-entre-aspas, ou outras vertentes derivadas do concretismo, da poesia marginal. Têm poetas desde os mais contidos, cerebrais, construtivistas (elementos que eu de certa forma incorporei à minha linguagem), até outros mais extravagantes, delirantes, da linhagem de Roberto Piva, ou ainda uma poesia experimental, conceitual, feita por poetas que também são acadêmicos, ou a poesia lírica, que permanece através dos tempos e é praticada até hoje. Eu discordo totalmente dessa afirmação de Alexei Bueno. É uma afirmação que condiz com as convicções de quem fala, mas não constitui uma avaliação crítica aprofundada e detalhada, é mais uma manifestação emotiva do que uma reflexão.

Entretanto, ao mesmo tempo em que discordo do Alexei Bueno, também posso concordar, no sentido de que muita gente adotou e adota “fórmulas”, truques que surgiram com o concretismo ou truques derivados da poesia marginal, e os põe em prática, pensando que o que faz é poesia, por serem facilitadores na hora de escrever. Mas poesia não é isso, a poesia exige uma reelaboração do real, uma reflexão sobre a necessidade de cada palavra, cada elemento do poema, e muita gente pensa fazer poesia “concreta” utilizando truques de síntese, de visualidade, de aliteração, e acha que basta usar essas fórmulas pra se chegar a um poema. Não é bem isso. Talvez Alexei Bueno tenha feito uma alusão a essa situação. Há uma proliferação de poetas concretos, uma proliferação de poetas marginais que não se mantém, não se sustenta. Olhando por esse lado, realmente faz sentido.

Tem uma outra frase também, do Eliot, que diz que “Nenhum verso é livre para quem quer fazer bem o seu ofício”. Você concorda?

Cada poeta procura criar suas próprias regras. O poeta tem total liberdade para criar essas regras, mas a partir do momento em que ele define o campo no qual vai atuar, precisa ser fiel a isso, precisa buscar explorar aquelas escolhas prévias. Você não pode fazer um poema com tudo que você tenha visto e tem em mente. No meu caso, sempre procurei, com o “Microafetos” e com o “Macromundo”, manter uma estética que permeasse todos os poemas, que fosse herdeira de tudo o que eu li e gostei, mas também que tivesse a minha personalidade, o meu toque na mistura que faço de alguns elementos. Pego um pouco do humor de Leminski, um pouco do “coisismo” de Manoel de Barros, da secura de João Cabral de Melo Neto, um pouco daqui e dali, e tento montar um poema que seja como os deles, mas nem tanto, porque aí seria uma paródia. Tem que utilizar aquela inspiração, mas que não se limite à linguagem que esses poetas criaram. Foi o que busquei com meus poemas, criar minhas próprias regras. Quanto ao verso livre propriamente dito, os próprios moderni

stas perceberam logo de início que não é bem assim, que o verso é livre como uma unidade, mas que existe a métrica do poema como um todo. Então, cada verso precisa seguir a música do texto inteiro. Não basta escrever um verso e não considerar o todo, a seqüência que ele está inserido. Vários poetas que praticaram o verso livre perceberam isso.

Você já tem conhecimento do círculo cultural aqui de Vitória? Já foi influenciado pela cidade?

Estou aqui há 10 meses, não é muito tempo. O primeiro exemplo de produção cultural local com que tive contato foram as revistas em quadrinhos “Quase” e “Prego”. Gostei muito da HQ “Século 22”, de Mário de Alencar, que está na “Prego #3”; achei-a inspiradora. Reencontrei Mara Coradello, que é uma escritora que eu conhecia desde aquela época das Edições K. Depois, tive contato com os poetas do grupo Aves de Água, até lancei meu livro “Macromundo” junto com eles, aqui na Ufes. Outro bom poeta é Alexander Nassau. Também conheci o pessoal do grupo teatral Os Folgazões, que tem um espaço cultural no centro de Vitória, e tenho mantido contato com dois escritores que circulam em torno daquele grupo, Saulo Ribeiro e Rodrigo Caldeira, que fundaram no ano passado uma editora, a Edições Cousa. Mas ainda não sinto que eu esteja culturalmente tão ambientado no Espírito Santo quanto gostaria. Estou procurando, estou correndo atrás, tento ler e conhecer o que é possível.

A revista “Graciano”, inclusive, tem sido minha melhor bússola pra isso, porque vocês fazem o Dossier, levantamentos periódicos da produção literária local, e aí fico sabendo de outras pessoas, vou atrás. Mas, basicamente, o que eu conheço até agora é isso que citei. Mas é porque eu também escolhi vir para Vitória para ficar mais voltado para a leitura e a escrita. Em Salvador tenho muitos amigos, participo de muitos eventos. Quando vi que poderia vir pra cá, percebi que poderia me afastar um pouco desse movimento e ficar num circuito mais doméstico mesmo, mais caseiro, lendo e escrevendo. Foi um

dos motivos que me fez vir pra cá. Então, estou sendo fiel a essa decisão. Mas fiquei muito surpreso, positivamente, com a efervescência literária que percebi aqui, o interesse dos jovens por literatura, com o programa de rádio Vice Verso, a revista “Graciano”, o grupo Aves de Água, a editora Cousa.

Você escreveu um poema, “Os pássaros”, que é inspirado no filme do Hitchcock. Fale um pouco sobre seu gosto por cinema e de como isso influencia o seu trabalho como poeta. Fale também de outras coisas fora da literatura que te influenciam.

Esse texto surgiu muito espontaneamente, enquanto eu estava revendo mais uma vez o filme. Fui anotando palavras enquanto assistia, sem nem pensar no que anotava, e quando percebi já tinha várias estrofes. Aí pensei: “Então vou continuar isso aqui”. O poema tenta ser uma transcrição, em palavras, das imagens do filme, praticamente trata apenas de pequenas cenas que vão surgindo, da mesma maneira que no filme. Cinema é uma influência importante em minha literatura, mas música me interessa mais. E como não sou músico, não sei tocar instrumento nem nada, tento fazer na poesia alguma forma de música. Eu utilizo vários recursos musicais: ritmo, aliteração, melodia... Vários ritmos me inspiram: jazz, rock, música erudita, música popular, a música dita folclórica...

Você também já escreveu literatura de cordel. E você dá muita importância ao fato de esse tipo de literatura ser popular e conhecida há muito tempo. Isso seria uma preocupação em atingir uma faixa maior do público? Até onde vai a sua preocupação com o leitor?

Eu pratico literatura de cordel como uma forma poética entre tantas outras, como alguém escreve sonetos, por exemplo. Seguindo aquele raciocínio de que o poeta tem que ter certas regras, de que ele não é livre, eu acho um exercício bem interessante seguir uma forma

literária preexistente, como o cordel. A forma mais tradicional do cordel tem 6 versos de 7 sílabas, com as rimas nos versos pares. Por outro lado, desde que comecei a ter contato com poesia eu sempre gostei de poesia experimental, do concretismo e outras “vanguardices”, mas logo descobri que não queria escrever assim, porque de certa forma não é difícil escrever de forma hermética, escrever uma literatura para iniciados. Eu queria escrever uma literatura que tivesse essas referências todas que eu tenho, de arte de vanguarda, mas que fosse acessível a uma pessoa que não é iniciada, que meu poema pudesse ser lido por uma pessoa que não lê poesia normalmente. Claro que sem abrir mão da qualidade. É um equilíbrio complexo, que tem que ser buscado, entre inovação, experimentalismo e, ao mesmo tempo, comunicabilidade e simplicidade. O que eu busquei até agora com meus livros de poesia foi isso: explorar as minhas experiências com poesia modernista, poesia de invenção, concretismo, poesia marginal e poesia dos anos 90, e fundi-las com a minha subjetividade.

Também o cordel surgiu em minha poesia com esse viés. Depois de uns dois anos sem escrever poesia, eu queria voltar a produzir e não sabia como. Na época, retomei contato com o cordel, que tinha havido, muito vagamente, na infância. Comecei a acompanhar o Cordel do Fogo Encantado e reativei esse interesse. Em 2000 e 2001 pesquisei muito sobre cordel e resolvi escrever um folheto. Mas eu queria fazer um cordel que tivesse as minhas influências, que não seguisse totalmente a forma tradicional. Que pudesse incluir elementos que aprendi com os poetas concretos, ou a rima toante de João Cabral de Melo Neto. E o cordelista tradicional não aceita a rima toante. Porém, descobri depois que na Idade Média a rima do romanceiro, que foi o tipo de literatura oral que depois deu origem ao cordel brasileiro, era toante também. Às vezes, quando mostro um cordel que escrevi para um cordelista tradicional, ele não gosta; mostro para um poeta acadêmico, e ele também não gosta. O cordel que eu faço fica numa fronteira, ele não é considerado nem cordel pelos cordelistas, nem poesia pelos literatos. E essa é uma experiência que me interessa, de um objeto híbrido, inclas-

sificável. Tenho dois cordéis até agora e tenho idéias pra outros, que até agora não escrevi.

Você acha que a poesia, ultimamente, tem sido apenas lida por poetas? E poetas só escrevem para poetas?

Acho que há uma tendência a isso. Infelizmente. As tiragens dos livros de poesia nos anos 90 eram de 1000 livros. Hoje a tiragem média é de 500 exemplares. Quem vai aos lançamentos de livros de poesia são os próprios poetas, quem lê são eles mesmos. É por isso também que eu busco ampliar o espaço para minha poesia. Mas esse fato não é necessariamente ruim para poesia, porque dá a ela mais liberdade de ousar. Como não depende de vendagem, não depende do gosto do leitor, ela fica mais livre pra fazer algo novo, diferente, e manter propriamente o princípio da poesia, que é a inovação. Poesia significa invenção; vem do grego, “poiésis”. Com essa liberdade, ela pode ser fiel a si própria. Mas eu vejo um fenômeno preocupante, de cada vez mais os poetas serem também teóricos da literatura. Isso é interessante por um lado, mas o mesmo tempo é limitador para a circulação da poesia, pois ela passa a ser experimentada apenas no próprio ambiente onde é resenhada, analisada, discutida. Há pessoas hoje em dia que parecem só considerar poeta aquele que também é professor de literatura. Acho isso um equívoco.

QUINTAL

Quintal de pedras pretas. Pesadas.
Ergue-se em arrastão
vegetação de facas.

Caixa de brinquedos vaga.
Pedras como bonecos sem cara.

Diversão única: chutá-las.
O animal de estimação ameaça.

Carícia que no chão se arranha.
Quintal que é roça sem entranhas.

(extraído do livro Macromundo, 2010)



PORVIR

Sentinela a noite
para surpreender
cada nascimento
de tenra estrela.

Atalaia os ermos
para não perder
o aparecimento
do que não havia:

a fruta nova,
feita no futuro
para paladar
animal imaturo.

Guarda o detalhe
que não pulsa ainda
no canto do olho
no fundo da retina.

E espreita a fonte
à luz de um dia:
coração do tempo
guardando grão vizinho.

Para o menor
movimento ou rumor,
cumpre estar alerta.
Vigia e relata.

(extraído do livro Macromundo, 2010)

“*Aurora* falou da **história** do *país fabuloso* quando, tarde da NOITE, *concordou* em subir ao **QUARTO** de *Grandi* para tomar *Café* e *ATRAVESSOU* o **GRANDE** *pátio do terraço*, DILATADO pela **lua**, para BATER muito *de leve* na *persiana* da porta. **Ele** a viu *sorrir*, O CORPO encolhido, e entrar com *passo rápido* e SILENCIOSO, arrastando os pés com *suavidade*, as **mãos** escondidas **DEBAIXO** do *casaco* e um *capuz* na cabeça; **CARREGADA** DE **MISTÉRIO**, DE **ILEGALIDADE** E DE UMA **ALEGRIA MOVEDIÇA** enquanto *ficava de costas* para ele, no último ritual de lhe esconder o rosto. Depois sentou-se na *beira da cama*, olhando *a base do cone de luz projetado* ^{sobre} seus sapatos, falando com um tom de voz desconhecido, sujeito a um *desnecessário* **SUSSURRO**, *a respiração veloz* que fazia com que mostrasse *a ponta dos dentes* na **BOCA ESCURECIDA**.”



Chá das Sete

Adilson Vilaça

Adilson Vilaça é mineiro de nascença, mas reside no Espírito Santo há mais de 30 anos. É escritor, jornalista, professor universitário, pesquisador, e, dentre várias outras coisas, um ótimo contador de causos. Autor de 42 livros, começou a publicar em 84, sendo que cerca de metade desses volumes são de ficção. Além de ser um dos mais prolíficos escritores do Espírito Santo, porque sua produção literária começa aqui, é também um dos mais importantes, fato inclusive bem coroado pela indicação do “Identidade Para os Gatos Pardos”, que reúne contos de vários períodos de sua carreira, para o vestibular desse e dos próximos anos. Em um clima bastante descontraído, conversamos com Adilson sobre inúmeros aspectos de seu fazer literário, enquanto nos deliciávamos com suas histórias.

Bom, como de praxe, vamos começar pedindo ao autor que se apresente a nós e a nossos leitores.

Primeiramente eu gostaria de fazer um pequeno relato de formação familiar, porque ela teve muito a ver com o fato de eu escrever. A minha avó paterna era uma grande contadora de histórias. Indígena, muito tranquilamente reunia os netos e contava histórias alongadamente. Eu admirava muito a minha avó e desde cedo fiquei doído para contar histórias. Só que minha avó era analfabeta e eu queria contar histórias, mas escrevendo-as. Por isso houve um problema no período da minha infância, porque as crianças só podiam ir para a escola aos sete anos completos - e eu sou do mês de agosto. Então eu não podia entrar na escola no ano em que eu fazia aniversário e a única chance que você poderia ter era a de se alfabetizar sozinho, que eu tentei.

Tentei aprender a ler e escrever sozinho. Não deu muito certo, porque eu escrevia palavras e palavras e palavras, que eu achava que fossem palavras, e na verdade não tinha nada: eu juntava um “x” com “j”, um “p” e um “o”, ia colocando supostas palavras do lado das outras e as pessoas sempre diziam que eu não tinha escrito nada. Então eu tomei uma decisão em um período: eu cheguei à conclusão de que eles não sabiam ler, porque se eu colocava ali as palavras e eles diziam que não, eles não sabiam ler. Eu tinha uma história que estava ali escrita, escrevia em caderno, escrevia no chão, e eu lia a história

para eles, embora eles dissessem que não havia nada escrito. Assim, eu passei a ser um sucesso entre os analfabetos da cidade, porque havia muitos, e porque achavam, como eu achava, que eu tinha escrito uma história - e aí eu contava a história para eles.

Então essa busca de tentar criar histórias é da minha infância mesmo. Depois, no percurso da vida, seguindo adiante, eu era apaixonado por quando chegava aquele período em que as professoras pediam para fazer redação sobre as férias. Isso era uma coisa que não falhava, pelo menos antigamente, e nas minhas férias não acontecia nada de novidade. Eu ficava lá na minha cidade, não viajava para canto nenhum, mas eu bolava as melhores viagens de férias: eu ia para tudo quanto é canto, então fazia redações muito legais sobre a minha viagem ao Rio de Janeiro, a São Paulo, e eu não conhecia nem Vitória. Fazia redações de viagem que eram sensacionais e me tornei desde muito cedo um grande leitor.

Na primeira semana em que eu fui para a escola, a professora ia começar com o negócio do “aeiou”. Eu fiquei revoltado, eu disse para ela “Não, eu não quero isso, eu sei todas as letras. Eu tenho só de aprender a juntar as letras direito, porque eu acho que eu não junto direito” - eu achava, só. Primeiro ela pediu para eu escrever. Eu fui lá e escrevi tudo fora de ordem e ela disse “Óh, tem uma ordem”. Ela colocou as letras em ordem e apontou: “Som de consoante é feito aqui. Som de vogal vem daqui. Aí você junta uma consoante com uma vogal e vai fazendo os sons. Por exemplo, você junta ‘b’ e ‘a’, que é igual a

‘ba’”. Aí eu falei “Então é fácil, se ‘b’ e ‘a’ é igual a ‘ba’, você junta um ‘l’ e um ‘a’ e você escreveu ‘bala’”. Ela falou “Exatamente”. Aí eu escrevi um monte de palavras no quadro e ela falou “Agora você senta lá e não atrapalha a aula. Eu vou te dar alguma coisa para você ler”. No intervalo ela estava tão satisfeita, porque havia alfabetizado um menino com meia hora, que me levou à sala dos professores para me apresentar. Lá havia livrinhos que eu podia pegar e eu escolhi um livrão que tinha uma baleia na capa, Moby Dick, do Herman Melville, e ela “Não, não, isso não é livro de criança!”. Levei o livro para casa e meu pai ficou desesperado, porque eu perguntava mil e uma palavras que eu não conhecia a ele e a própria questão da formação dos sons eu ainda não conhecia direito. Eu lembro que, por exemplo, a palavra “guindaste”, eu li “juin, juin”, ficava assim, e ele dizia “Não, é guindaste”. Mas meu pai se desesperou de vez quando apareceu a palavra “cachalote”. Ele não sabia o que era, e aí foi uma grande decepção: “Meu pai não sabe!”. Meu pai não sabia. Mineiro, do interior, ia lá saber o que é cachalote? Então ele foi numa cidade vizinha e comprou um dicionário que eu carregava para todo lado. Olhava as palavras, matava coelho - porque na época a gente caçava no interior. Esse dicionário, coitado, virou um cacareco depois.

Posteriormente, eu fui embora para o Rio estudar para ser tecnólogo de química, porque eu ganhei uma bolsa para ir fazer o curso. Era uma coisa boa porque com essa bolsa era tudo de graça e a minha família não tinha dinheiro. Quinze mil pessoas concorriam para 120 vagas e eu consegui

uma das bolsas e fui para lá. Estudei química, mas tive a felicidade de o curso ser em frente à Academia Brasileira de Letras. Eu atravessava, via os escritores, ia à biblioteca pegar livros. Aí me ensinaram outras bibliotecas legais e eu xeretava todos os lugares estudando - eu era bom estudante, dava conta das minhas coisas e lia muito. Quando vim, finalmente, de retorno ao Espírito Santo, fui professor de química, mas o meu interesse mesmo era ser jornalista.

No Marista eu tinha um Jornal Mural e eu queria contar histórias como jornalista. Sinceramente nunca tinha me baixado o espírito de contar nada como escritor. Literatura não; eu queria os fatos da vida, disse que eu gostava e tal. Então abriu-se aqui o curso de jornalismo e em 76 foi o vestibular. Eu entrei nessa turma logo inicial e comecei a fazer o curso, trabalhando. Foi muito difícil trocar de profissão, então na minha entrada na UFES eu me fazia uma provocação: eu tinha de olhar no espelho todo dia e eu dizia “Eu vou ser jornalista, tenho de abandonar esse negócio de cursinho, tenho de largar isso”. E foi difícil, porque, quando eu larguei o emprego de escola, de cursinho, eu tive de pegar três de jornalismo para quase dar o dinheiro que eu ganhava.

Aí, num belo dia, andando pelo campus da UFES, vi um cartaz dizendo que haveria um concurso de contos. O que me chamou muito a atenção foi que o prêmio era bom. Seria em torno de 20mil, nos dias de hoje, e eu fiquei animadíssimo. A gente tinha de entrar com três contos inéditos, aí eu pensei “Qualquer coisa que eu



escrever será inédito. Não tenho nada ainda”. Então fui para casa, tratei de fazer os três contos: “A Possível Fuga de Ana dos Arcos”, “Identidade para os Gatos Pardos” e “Boca de Forno”, e os inscrevi. A Bernadete Lyra, que era minha professora, levou um susto muito grande porque não tinha a menor idéia de que eu escrevia tão bem. Ela disse “Eu não sabia que você escrevia tão bem”, aí eu falei “Nem eu”. Então ganhei o concurso e um concurso logo em seguida de poesias eu ganhei também. Depois teve um de cinema, que eu ganhei com o chamado “Receita Artesanal Sobre a Pesca e a Moqueca Capixaba”, e depois disso arranjei um emprego bom no estado, até que me enchi o saco disso e retomei a estudar um pouco e a escrever muito mais. Fiz especialização em História e Política, estudei Psicanálise e fiz mestrado em Literatura. É esse o percurso.

Escrevi muito, sendo que eu liguei muito a história de escrever a ganhar dinheiro. Eu descobri que em jornalismo - eu adoro jornalismo - você não ganha muito, então eu comecei a trabalhar muito com publicidade. Em publicidade paga-se melhor e eu sempre pensava em fazer livros e ter retorno financeiro, e tive bom retorno. Para um escritor local, do Espírito Santo, porque pouca coisa vazou para fora do Espírito Santo, eu tenho uma renda muito boa com texto, com palavra. Eu meto as caras e faço esses livros para entidades, associações, e isso é muito bem pago. O que eu procuro fazer nessas ocasiões é puxar um pouco para a literatura, e a produção chegou a uma boa quantidade. Mas eu estou um pouco afastado da ficção, do fazer literário, que eu quero retomar ano que vem. Tem um livro prontinho, porque eu elaboro na cabeça primeiro, determino todos os acontecimentos, quantidade de capítulos, quantas páginas cada capítulo vai ter, crio parágrafos inteiros, e depois é que eu escrevo.

Pelo fato de você escrever para ter retorno financeiro, você já sabe o que será escrito? “Vou escrever uma coisa que vai vender mais”. Na sua forma de escrever, ou na história que você vai contar, como isso influencia?

Tem coisas que você sabe que não vão ter muita perna, né, não vão ser comercializadas. Tem outras que você sabe que serão comercializadas. Por exemplo, o livro “Identidade

Para os Gatos Pardos” eu fiz numa época em que se começou a discutir a questão de cota universitária e eu notei que eu tinha muitos contos sobre essa temática do afro-brasileiro. Então eu falei “Vou reunir isso tudo num livro só e esse troço vai vender”. Mas o meu segundo livro, “Esperidião e Outras Criaturas”, que eu gosto muito e que é um livro de contos surrealistas, não vendeu nada. Havia um crítico que falava assim “Você é maluco de escrever surrealismo no Espírito Santo, porque o Espírito Santo não tem tradição alguma com isso. Não tem nem leitor para isso. E eu também não gostei desses contos que você escreveu e isso não vai ser vendido”. De fato, não vendeu nada, mas eu adoro o livro.

E aí eu sempre fico tentando os encaixes, porque você tem que ter uma definição do que fazer. “A Possível Fuga de Ana dos Arcos” é um livro que tem repertório de várias escolas: tem surrealismo, realismo fantástico, hiperrealismo. E como eu nunca havia estudado literatura, a maioria das possibilidades criadas, em termos de forma, ou foi por imitação ou com alguma originalidade mesmo que eu consegui engendrar. Hoje eu teria muito mais facilidade de escrever esse livro, mas no período eu tive de criar algumas coisas. Mas eu sabia que daria muito certo. Agora, outros livros que eu fiz eu sabia que dariam muito errado, em termos de público, mas aí você não pode esquentar a cabeça com isso.

Adilson, “Identidade Para os Gatos Pardos” reúne contos de vários períodos da sua produção sobre contos afro-brasileiros. Como foi, para você, organizar um vol-

ume desse tipo, revisar textos já publicados, para poder fechá-lo segundo um norte? Porque é até meio surpreendente, pois, apesar de sempre termos visto personagens afro-descendentes em seus textos, a gente vê a força do negócio quando vê tudo reunido. Como foi esse processo de organizar o “Identidade”?

Pois é, eu sempre tive muita consciência dos temas que eu trato. Eu gosto dos temas étnicos. No livro que eu escrevi logo no início, chamado “Trapos”, eu trato de ciganos no Espírito Santo; em “A Suavidade do Sol Poente”, italianos; lá no “Cotaxé”, um personagem que atua ali é índio Pojixá. Eu sempre tive um certo apelo nessas questões étnicas. Acho que a influência disso é formação de família, porque a minha família é misturada, é um pouco de tudo.

Bem, houve uma certa época em que eu notei que alguns temas estão sempre presentes na minha obra: negritude, crianças, miseráveis, mulheres exploradas, loucos. Então eu resolvi fazer essa coletânea. Dá para fazer uma só de criança, uma só de mulheres, eu sei onde eles estão. Daria para fazer uma coisa assim, mas eu não fiquei muito a favor de dar continuidade a esse tipo de seleção, porque senão você se vicia na seleção. Quando você começa a fazer só antologia, mesmo que bote ali um ou dois textos inéditos, esse vício atrapalha você a produzir. A minha maior exigência de agora não é eu ir lá garimpar esses textos temáticos de diversas categorias para juntá-los e fazer como “Identidade Para os Gatos Pardos”. A minha maior demanda agora é eu me debruçar e fazer um romance, que já está bem

na minha cabeça, e se eu for me desviar para fazer uma coletânea dessa, eu deixo ela para trás, eu atrapalho a minha criação. Se algum editor quiser fazer isso eu até aceito, se ele me pagar 10%, mas eu não vou fazer agora (risos).

Falando sobre a produção destinada às vendas, mas excluindo essa parte do lucro, como você pensa essa relação da produção e do leitor?

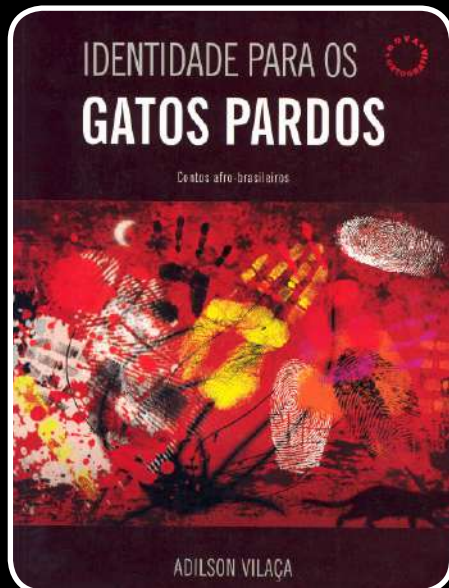
Isso é jornalismo, né, aí é o jornalista que entra em ação. Lá nos critérios de noticiabilidade, a gente vai trabalhar com valores-notícia. Para trabalhar com valores-notícia você tem que saber o que o público está enxergando, o que ele está vendo. Por exemplo, falando do “Identidade”, porque é fácil exemplificar por ele, o Brasil havia começado um debate, finalmente, sobre a questão do negro no Brasil. No novo milênio, agora, ela foi retomada, começou-se uma discussão, e havia toda uma efervescência: logo vieram a história das cotas, leis que estavam tornando agora mais evidentes os direitos civis dos negros, porque na verdade no Brasil eles também não existiam há até pouco tempo – a constituição de 1988 que vai garantir algumas coisas. Então eu pensei “Isso é uma coisa que está na cabeça das pessoas, então as pessoas vão querer ler sobre isso”. E se você apresenta isso pelo choque, porque não é um tema que dá para você fazer água com açúcar, não tem jeito, há pessoas que telefonam, mandam e-mail, dizem assim “Ah, eu li o seu livro, mas não gostei, eu fiquei a noite sem dormir com aquilo que acontece com os personagens e tal”. É evidente, o livro tocou. Maravilha, o livro deixou o

cara agoniado, aflito, essa era a intenção. E é engraçado, porque tem gente que diz assim “Ah, eu não gostei não, mas emprestei para o meu sobrinho, ou tio, ou namorado, e ele mal conseguiu passar do primeiro conto, é horróroso!”. Bacana, está fazendo a reflexão vir. Então é mais descobrir como o tema pode estar em conexão com as pessoas, com o público que lê. Eu estou sempre procurando o que eu tenho de escrever, “O que eu vou fazer? Se eu vou fazer conto eu devo fazer de novo um livro eclético como ‘A Possível Fuga’?”. Eu penso lá do primeiro, “Eu devo fazer um livro puro sangue só com contos de surrealismo?”. Então essas coisas eu penso com a cabeça de editor, porque eu medito um pouco sobre elas. Eu me preocupo muito com o que vou escrever e como será recebido, porque esse negócio da recepção é interessante.

A questão de você nomear os lugares do seu livro, como em “Identidade” sendo aqui no estado, é uma questão de se adaptar ao público?

Normalmente o escritor escreve sobre o ambiente em que ele está. Então, se a gente vai pegar lá o Machado de Assis, ele estava fazendo questão de falar do Rio, como Lima Barreto queria falar do Rio. Eu quero falar do Espírito Santo, embora você às vezes fale só metaforicamente - e às vezes você vai direto. Houve uma época em que eu fiquei tão penetrado nessa questão de dar um valor à ambientação do Espírito Santo, que eu acho que isso foi até exagero, porque eu comecei a fazer coisas voltadas sempre para o Espírito Santo. Isso foi um certo exagero, porque você pode





construir uma obra boa morando aqui, vivendo aqui, tendo a sua experiência toda concentrada aqui, sem precisar fazer referência de que esse é o local.

Ao ler “Identidade”, percebe-se que há uma relação muito tênue entre a morte e a vida. Em alguns contos, nota-se que logo antes da morte ou ao final de um diálogo, separação, há algum momento feliz. Você pensou em algo desse teor quando escreveu isso?

Se você pensa a história do negro, dos africanos, é uma história de genocídio. As pessoas tentaram usar os negros como elemento de produção a ponto de tirar a vida deles na produção. Primeiro desumanizaram e depois roubaram a vida animal que sobrou na pessoa. Vocês já foram em São João Del Rei? Não tem a Rua Torta, aquela rua das paredes tortas que faz uma curva? Aquela rua é uma das coisas mais trágicas da escravidão no Brasil. Os negros trabalhavam nas minas, em cafezais, e, quando eles chegavam, à noite, quando não agüentavam mais fazer nada, eles eram colocados para construir. Evidentemente, o cara não tinha noção alguma de construção, daí tudo é torto e não sei o que. E quando o cara se esgotava e caía, estava dormindo em pé – estafado, três noites sem dormir -, eles escoravam o sujeito na parede para ele dormir sentado, porque usavam as coxas para fazer o molde de telhas. Você vê que era um projeto de depois de você desumanizar, explorar, você tirar a vida, fazer a pessoa morrer. Não diretamente, mas ela morria por esgotamento. É interessante

porque é um assassinato que parece com falência do organismo. Falavam assim “Fulano faleceu”. Faleceu porque ninguém matou, ninguém atropelou; o organismo faliu. Era um assassinato que era provocado muitas vezes pelo esgotamento. Então, toda vez que eu vou colocar os negros, tem que ter morte. A morte tem que estar ali como um elemento forte.

O seu livro “Identidade Para os Gatos Pardos” se assume como um livro de contos afro-brasileiros. A gente quer saber se você tem algum feedback desse público em relação ao livro.

É muito bom quando pessoas, por força de cursinho, que querem fazer alguma coisa, estão lendo o livro: “Ah, vou ler o livro porque cai no vestibular, eu vou fazer vestibular, quero mudar a minha vida”. E nos bairros populares, no interior, a gente encontra pessoas que estão nesse percurso e que não tem grana nenhuma - e nesse caso quase sempre são descendentes de negros, ou negros, ou elementos miscigenados. Então, volta e meia aparecem aqueles que me pedem livros, e é muito interessante, porque, entre os pedidos de livro, geralmente são negros. Pensam “Ah, vou dar um jeito de conversar com o autor, ele arranja”, daí a pessoa vai no e-mail, pega catálogo telefônico e eu, se eu tiver o livro em casa, dou. E aí essas pessoas telefonam, ou mandam e-mail e dizem assim “Olha, eu nunca pensei que iria ver fatos da vida do meu tio, do meu irmão, do meu avô, fatos da minha vida. Eu nunca pensei que alguém estivesse tratando disso na literatura do Espírito Santo”. As pessoas telefonam e acham muito importante que alguém tenha

feito isso, mas, até então, elas não tinham lido, nem sequer sabiam.

Os negros geralmente têm um comportamento muito diferente no fim da leitura do conto que é o conto título do que a pessoa branca que não tem formação literária. A maioria do público branco, quando você vai no cursinho falar, fica revoltado porque a moça foi morta, porque ela levou a navalhada na garganta. Eles ficam revoltados porque ela foi assassinada. Quando você vai em um colégio estadual, e quase todo mundo leu, eles não ficam com dó da moça, não. Acham que o cara não deveria ter matado, mas eles ficam com pena do cara. É incrível, eles ficam com pena do cara, “Poxa, e agora ele vai ficar preso o resto da vida, né”, “Poxa, mas que vida que ele teve, né, que vida complicada, e ainda um dos maiores amigos dele, negro, com racismo introjetado”. Eu já estive em escola em que era complicado, porque as pessoas diziam assim “Ah, eu só achava que não precisava ter matado a moça”. Mas, veja bem, ninguém fica tão revoltado por conta do louco, de “A Possível Fuga de Ana dos Arcos”, ter sido amarrado de cabeça para baixo, castrado. Ele era louco e era mestiço, era pardo; ele tinha duas coisas de vez para ser renegado. Olha só como que a composição sócio-histórica te guia, às vezes, para um tipo de análise, que, mesmo imaginando que não há nada de racismo em você, você acaba tendo uma leitura racista.

“Identidade Para os Gatos Pardos” é o seu terceiro livro que entra nas leituras obrigatórias do vestibular. Como escritor, como você vê a sua obra sendo adotada nesse concurso? E como profes-

sor universitário, qual é o valor do uso da obra no vestibular?

O vestibular tem coisas que são nele mal explicadas até hoje. Aliás, não deveria existir vestibular, mas infelizmente existe no Brasil. Essa é a coisa mais ultrapassada no mundo. Uma das coisas que o vestibular procura, que é função do segundo grau, é fazer com que a pessoa conte uma história completa, do início ao fim – esse negócio chamado redação. O ser humano demora para contar uma história com início, meio e fim. Quando a criança está com 10 anos, ela aprende uma piada e diz para você assim “Vou te contar uma piada!”, então ela começa a contar e depois fala “Mas o final eu esqueci”. Então, uma das funções é fazer com que a pessoa, quando está no fim do segundo grau, seja capaz de contar uma história inteira e que ela tenha lido as coisas, as obras de arte feitas. Como isso não está sendo feito adequadamente no ensino do segundo grau, aproveitam a prova do vestibular para enfiar a leitura no sujeito: “Agora você vai ler o Machado de Assis, o Gil Vicente, tudo o que você não leu na vida você vai ler agora”, e para a circunstância de uma prova. Evidentemente a maioria vai falar “Vou deixar isso para lá”.

Na verdade eu sou contra o vestibular. Dê a função do ensino médio e do chamado antigo ginásio, que começa na 5ª série, de provocar as leituras. Você vai ter sete anos para os professores de literatura provocarem leituras. De fato, quando é imposto nesse final, poucas pessoas vão ler. E alguns terão até satisfação na obrigação “Ah, eu li e descobri que é legal Machado de Assis, deveria ter lido

há muito mais tempo”. Mas às vezes provoca estranheza na pessoa, porque, se ela não conseguiu ler “Senhora”, “Iracema”, esses troços, que você tem que colocar para ler na 5ª, 6ª série, explicar bem, e dá o Leminski no vestibular, ah, não vai rolar, né. A maioria vai achar isso muito complicado. Então as pessoas estão lendo, algumas que lêem por força da obrigação, e acabam estranhando muito a obra literária.

A obra literária deveria ser retomada com mais assiduidade desde que a pessoa passa a metade do que antes era chamado ginásio. Ela tem de começar a ler literatura boa. Tem que parar com esse negócio de infanto-juvenil, infanto-juvenil, infanto-juvenil, que é até um problema. Vocês já viram artes plásticas infanto-juvenil? Artes plásticas infantil? Na literatura foram dividindo tanto, e aí dizem assim “Ah, o pessoal do ensino médio tem de ler literatura infanto-juvenil”. Não. Tem de ler literatura de verdade. E se você tiver de ler “Iracema”, você tem de ler num contexto, porque eles dão o livro para as pessoas lerem fora de qualquer contexto e não explicam nada. Mas não estão fazendo nada disso.

Com essa história de o livro entrar no vestibular, você tem uma satisfação “Pô, beleza, puseram meu livro lá com o de outros caras que escrevem bem”, tem retorno financeiro. Mas você tem que ter senso crítico de saber que está tudo sendo feito errado.

Como escritor, há coisas que você publicou e que depois de

um tempo você viu e não gostou, se arrepende de ter publicado? Ou você gosta de todas as suas publicações?

Não, não gosto de tudo o que eu publiquei, não. Nossa, eu tenho um livro chamado “Purpurina e Outras Desfolias” que eu detesto. São contos longos, seis contos e de muita amargura. A intenção era essa mesmo e datar, com a linguagem antiga - adjetivos velhos, substantivos velhos -, fazer essa marcação no livro e ele ser de muita angústia, sofrimento e tudo. Isso ficou muito mal realizado. Agora, não é que seja inválido, porque, pelo menos, você aprende com o erro. Você tem de ter idéia e ver se funcionou. Não funciona quando “Ah, 300 mil pessoas compraram”. Funciona quando você próprio olha e reconhece, com seu senso crítico, que está ali alguma coisa com apuro. Mas esse livro, se eu não gosto dele, como é que alguém vai gostar? Não é tudo o que você escreve que fica bem realizado, não.

Você falou sobre a sua carreira como acadêmico. Como é a sua relação com a sua produção acadêmica, como pesquisador, como professor, e a sua produção literária? Como é que você lida com esses dois mundos diferentes de escrita e de produção?

Pois é, eu tento fugir muito de abraçar a produção de textos acadêmicos. Eu faço uma coisa ou outra, até organizo livros, tenho um grupo de estudos que atua e que a gente tem uns livros publicados. Mas eu tento fugir disso um pouco, porque eu morro de medo de que ocupe o espaço da literatura. Há livros

de pesquisa e de história que eu faço, igual o “Cotaxé”, e há os livros de encomenda. “Quem é Fulano?”. Dependendo do Fulano eu não faço, né. Agora, se a pessoa me convida para fazer uma biografia, eu conheço o biografado e o sujeito é um cara que tem uma vida interessante, vale a pena você fazer. Mas mesmo nessas horas o que eu tento? Tento puxar isso para a literatura. O que eu posso usar de recurso literário para não ficar uma biografia seca, como algumas que eu vejo por aí, eu uso. Mas eu tenho medo e vigio, e eu sou um bom vigilante, para nada disso me roubar o espaço de eu fazer literatura, de permanecer com gosto pela literatura.

Você faz uma abordagem muito realista da violência nos seus livros. Isso tem alguma relação com o fato de você ter uma formação jornalística ou é por outro motivo?

O Brasil é um país muito violento. Eu cresci ouvindo a seguinte história: “Nós somos um povo cordial, pacífico, nós não temos racismo”. Na minha infância a história da Carochinha era toda essa. Eu cresci ouvindo isso, mas nesse tempo em que eu crescia ouvindo isso, Ecoporanga matava um no almoço e amarrava outro para a janta. Assassinatos, pessoas sendo esfaqueadas, tomando tiro, tudo na frente. A ilusão que eu tive na vida foi de que “Ah, isso passa com os tempos, de fato o Brasil poderá ser um país pacífico”. Abre os jornais. “Toque de recolher no bairro tal”. É a realidade que está aí. Quando o Rubem Fonseca fez o “Feliz Ano Novo” o livro foi proibido de circular no Brasil porque o governo ainda achava que não havia isso, que era uma

invenção dos ficcionistas falar que o Brasil era violento. O povo brasileiro sabe o quanto nós somos violentos. E quando a gente fala “o povo” a gente não pode se excluir não. Nós somos violentos. Os brasileiros batem em criança, matam o vizinho que está com som alto, é uma violência o tempo todo. Então, se você quiser, de alguma forma, que a sua arte participe de um debate que está acontecendo no seu tempo, se você quiser estar ligado ao seu tempo social, você tem também de se mover um pouco para acender o debate sobre isso. A intenção quando eu falo de violência é ter uma conexão com a realidade brasileira.

Parece que você criou um perfil para o leitor capixaba, porque você falou do que interessa e do que não interessa ao público. Como você acha que é o leitor do Espírito Santo?

Pois é, tem uma coisa que os leitores e os escritores capixabas gostam muito, que é metalinguagem. Isso eu já notei há muito tempo. As pessoas escrevem e volta e meia você lê uma obra do cara em que ele está revelando na obra que ela é obra de arte. Isso na produção de muitos autores que eu já encontrei e há leitores também que gostam. Há um problema, que é um problema localizado aqui no estado: é que nós não temos um público muito grande, porque a população é muito pequena. Se a população é pequena, você vai ter pouco médico, pouco gari, pouco escritor, pouco leitor. Em números absolutos eles são pequenos e daí advém o fato de que, se no Rio, por exemplo, 10% das pessoas gostarem de ler, é uma multidão, não é? Se 10%

gostam no Espírito Santo, é um pingo de gente. Aí desses 10% dos que lêem, lêem o que? Porque vai ter um bom tanto que vai ler o Paulo Coelho, lê coisas desse tipo, lê outra coisa. Aí para ler literatura de fato, chegar na livraria, comprar livros de autores de qualquer lugar, é pouquíssima gente. Então se esse público é muito pequeno você tem também que ter consciência disso. Quando eu era editor aqui, o grande problema era às vezes convencer a pessoa que trazia o livro e falava “Ah, dá para fazer uma tiragem de 5 mil”. Nós dizíamos “Você vai ficar desesperado. Você vai ocupar um quarto da sua casa com esses cinco mil livros que, se venderem, vão levar cinco, seis anos, sei lá, para você se livrar do estoque. Nós não vamos guardar aqui não, não faça isso”. Porque a gente fazia muitas vezes um sistema de que o livro era aprovado pelo conselho e aí o autor geralmente entrava com metade, daí o autor se empolgava e dizia “Eu pago tudo, mas eu quero cinco mil livros!” e a gente falava “Não faça isso, porque você não vai conseguir vender os cinco mil livros, não vai funcionar”. Então esse é um fato, um dado da realidade que é do Espírito Santo que o produtor tem também que conhecer. Há poucos que lêem. Dos poucos que lêem, um tanto lê tal coisa, outro tanto lê tal coisa, e sobrou esse tanto aqui para ler a literatura com alguma qualidade.

Francisco Aurélio Ribeiro, ao falar sobre a sua obra, diz que “A literatura de Adilson Vilaça é um misto de realismo documental, recriação histórica e um forte apelo ao imaginário e à fantasia, além de um labor artesanal, que torna seu discurso característico da narrativa pós-moderna ou

neobarroca, revela uma qualidade artística pouco comum nos escritores brasileiros contemporâneos”. Sobre essa afirmação o que você pensa?

É, a gente tem de ter consciência disso. Por isso, conhecendo um pouco, porque também não sou um grande teórico de literatura, você consegue se situar. O que eu quero fazer? Eu tenho três romances que são uma trilogia das três cidades em que eu vivi, uma em que eu vivo ainda: o “Cotaxé”, porque eu morei em Ecoporanga; “Suavidade do Sol poente”, que é ambientado em Itapina, Colatina; e o daqui, que é o “Albergue dos Querubins”.

Então veja bem, o livro escrito em Ecoporanga, o “Cotaxé”, se vocês o pegarem para ler, vocês vão notar que há uma forte implicação ali de utilização do romantismo. Eu vou trabalhar muito com elementos do romantismo: tem o índio, tem a natureza, essas coisas todas estão dispostas ali, estão apresentadas. Mas, ao mesmo tempo, não teria nem sentido eu ser um pleno autor do romantismo, da escola do romantismo, portanto eu vou dar outros elementos, que vão dar outra dimensão. Isso é que é o pós realismo: é você conseguir trazer o que ficou para os dias de hoje colocando elementos novos, inesperados. Então lá eu trabalhei só basicamente com o romantismo e elementos novos: foi a minha infância.

O livro de Colatina é uma bagunça total. Tem dialeto italiano, tem um lugar em que começa a entrar poesia, depois volta para a prosa: é a minha adolescência. A adolescência é esse período em que você tem uma força, em que você

acha que tem um poder maior do que tudo, embora tudo esteja embaralhado. E se você for ver em termos da prosa, em que você constrói esse fraseado bem do barroco mesmo e consegue inseri-lo, ele fica bem nessa bagunça, mas você tem que saber o que está fazendo. Eu fiz com a intenção de que ficasse bem. Achei um resultado bom, mas é um livro muito estranho.

O livro daqui de Vitória, que é “O Albergue dos Querubins”, já é uma prosa amadurecida. Mas o que eu faço? Vou lá e busco o latim para o livro, “olha, você está buscando elementos lá do classicismo, né”. Então há um personagem e uma amiga que vão fazer diálogos em latim. Eu não procuro complicar demais para as pessoas todas saberem o que os diálogos querem dizer no parágrafo seguinte, mas está lá, você está puxando o elemento. E também com um fraseado que não é muito do pós modernismo, não. Ele é pós moderno porque ele está sendo capturado em termos de releitura e de utilização, mas ele não é dessa época.

No caso do “Identidade”, ele tem dois ou três contos que são essencialmente de agora, em que a ambientação é esfacelada, as frases entrecortadas, coisa mais típica do nosso momento. Mas eu gosto de fazer essas recuperações, fazer essas junções, porque o pós modernismo permite isso. •



Graciano foi à
encher sua

VALI

feira

SE

UM DIA
Astrid Malacarne

AS 5 PÉTALAS DO
DESAPEGO
Leandro Reis

A MAÇÃ
Brunella Brunello

FALHAS
Gian Le Fou

CASCA
Marcela Coelho

ARTE CONTEMPORÂNEA
Fernanda Barata

TRÔPEGO
João Chagas

SABÁ DA PRAIA
Sidney Spacini

AMIE II
Isabella Mariano

PALAVRA
Lívia Corbellari

+++
ILUSTRAÇÕES E DESIGN
Coletivo Foi à Feira

UM DIA

Devaneios

Num dia nublado e meio chuvoso, saio de casa à procura de outrem. Passo, lentamente, o caminho beirando o mar e com os pensamentos nas nuvens. A maresia se misturando com a umidade da chuva me embala num ritmo próprio de devaneio.

Pego o carro e percorro toda a cidade. Quero ver gente, quero sentir o vento bater na minha cara com a janela aberta. Me distraio com o cheiro salgado do mar e finco meus pés na areia. Os grãos se inserindo entre meus dedos me afundando no chão junto com a água. Consigo me esquivar e sigo sozinha pelas ruas e pelo mar. Viajo pensando em mim como o movimento do mar, o vai-e-vem das ondas.

Quero poder saber que ali, sozinha, haverá um alguém também tão atordoado como eu. Fujo de casa e não paro num só lugar. A chuva me atrai e, molhada, corro toda a praia. Sinto um enorme prazer à água percorrer todo o meu corpo junto com o cheiro da maresia. Fico impregnada.

A noite vem e escurece meus pensamentos, me mandando ir embora. Você não pertence a este lugar. Vá.

por:

Astrid Malacorne



AJ AJJO mesmo juliana
DEEE NSANDO em mim
acho ve certo SURVE
?LO ANO como? O mar POEMA
SEI ESEI amar nada Bem
MAR VIDA assim
se Pensar VOCÊ
DAS ONDAS VEM
CAFÉ Tudo maxiana
que?



AS 5 PÉTALAS

1 VENDE-SE

Conservar o que restou, mesmo que seja material. Tantas lembranças, tanto carinho, tanto amor. E tudo que eu queria guardar era um tapete. Deitávamos nele quase todos os dias. Ou melhor, jogávamo-nos. Era tão violento que ralava as costas, os joelhos, os cotovelos, o coração. Mas o que eu mais gostava naquele tapete era o seu cheiro. Te jogava lá todos os dias só pra impregnar ainda mais. Chorei compulsivamente o dia em que derramei vinho nele. Foi sua culpa, apesar de eu ter me acusado. Você que me devolveu à garrafa quando arrumou as malas e saiu. Não seria tão ruim assim ter que esquecer o seu cheiro. Mas você deu um jeito de eu sentir de novo. Amaldiçoei o dia em que passei por aquele cara.

2 PALAVRAS NÃO SÃO LIVRES COMO NÓS

Sem abraço, sem sorriso, sem saliva, sem dor. Abandonado, me vi no lado errado da cama. Te esperei por um longo tempo, até você dobrar uma esquina proibida. Confesso que fiquei decepcionado quando soube que você queria que eu te seguisse. Toda aquela linguagem mentirosa, cada palavra querendo dizer várias coisas. Elas se alargavam, invadiam tantas dimensões... você não tinha o direito. Enfrentei a tempestade sozinho. Sentava no sofá e ficava de olho no telefone, na campainha, na janela, no tapete. Não queria que você chegasse. Queria que você me notasse enquanto eu não estivesse por perto.

DO DESAPEGU

POR LEANDRO REIS

3 VOCÊ NÃO AMA, VOCÊ PRECISA
Quer saber, você nunca me fez nenhum bem. Só limpava a minha merda pra não se sentir tão cagada quanto eu. Recriminava meu vício, mas o seu é muito mais grave. O seu é fazer caridade. Você me olhava como se enxergasse algo que nem eu mesmo sabia sobre mim. Dizia que eu podia ser muito mais do que um bêbado porque qualquer um pode beber, que eu era especial, blá blá blá... Mas você não sabe nada sobre isso. Qualquer um pode ser um sóbrio. Para ser um bêbado é necessário um talento especial: tolerância.

4 RIR É FÁCIL, EU O FARIA SE CONSEGUISSE
Agora você canta as músicas que te apresentei. Você dizia que nosso gosto musical batia, mas não era isso, você que roubava a superfície das minhas bandas. Só gostava dos hits. Isso é bem você mesmo. Até ensaiei uma risada.

5 SEM ANESTESIA NEM CURATIVO
Só você sentirá falta de tudo que a gente viveu, sabe por quê? Porque você vive apenas na dimensão do que é permitido viver. Você tem medo de viver o que não sabe se conseguiria. Um conselho? Viva até morrer. E não retorne, pois você nunca esteve aqui.



A MAÇÃ

por Brunella Brunello

- Coma esta maçã.

- Por que eu comeria?

- Vai mudar a história da humanidade – respondeu a Serpente.

- E se Adão comer?

- Mudará radicalmente seu relacionamento – mais uma vez, a serpente, oracular.

Eva sequer pestanejou. Correu nua pelo paraíso com a maçã nas mãos e, despida de qualquer juízo, pediu a Adão que comesse a fruta.

- Mas é proibido – disse, o cauteloso – Você nem deveria estar com isso nas mãos. Alguém viu?

E quem veria, afinal? “Todos”, no paraíso, eram os dois, a Serpente e animais espalhados aqui e acolá.

- Adão, vamos mudar nossa vida. Vai ser ótimo para a nossa relação.

- Quem disse?

E quem diria? A terceira “pessoa”.

- Aquela cobra vive enchendo sua cabeça...

- E a sua cabeça?



- Eva, escuta! Deus disse que é proibido.

- E por acaso você já viu esse cara?

E pela primeira vez a mulher desafiou a autoridade do homem.

Ele, feito do barro à imagem e semelhança de Deus. Ela, da costela dele.

- Os benditos frutos são assunto meu - Eva bateu o pé.

- Se nós comermos, tudo muda - Adão, confuso.

- Você não devia ter medo do futuro - Eva, consoladora.

- Não tenho medo do futuro. Só não quero fazer mudanças - Adão, masculinamente

redundante - Eu gosto da nossa perspectiva de vida.

- "Para sempre" não é exatamente uma perspectiva - Eva, doce.

- E Deus, Eva? - Adão, fraquejando.

- Deus perdoa, Adão... - Eva, sedutora - Agora vai, come a maçã.

FALHAS

Por GEAN LE FOV



AS FALHAS

Uma redoma de vidro. As Filhas
De canhões cuspidando cuspidando cuspidando
Silenciam o pedido de orquídeas

Elas



Com seus olhos coloridos
Como glóbulos infantis

Indestrutíveis como a Religião Morta



Jogam com vidas como
Mascam chicletes

Eu, a mulher de trinta, que trinca
Vulgar e de leite

Cigarros e pertences - antes, antes



Dou meu braço para o enlace das bocarras

- ossos como

Cubos de açúcar

E em mudez eu passo

Uma passagem entre

O céu e o Inferno

Sobre Luz

Uma espiada no bunker

Um estudo sobre viventes

Sobre Luz e sombras eu passo

E morro sem gotejar / Uma Falha arquitetônica



Em mim

O ar e o ar a terra a mesa

Em mim nada



A pólvora povoa os campos as

Estradas adubadas por

Globos escuros e cavos

CASCA

Por MARCELA COELHO

Estava linda, não havia dúvidas. Apenas calçar os sapatos e pronto! A maquiagem estava completamente simétrica. Sabia fazer arte em seu rosto. Transformava mau humor em qualquer outra coisa mais apresentável. Sobre sua roupa então, nem se fala: parecia modelo até com uns quilinhos a mais. Tinha toda a classe do mundo. Seus pés nem eram bonitos, mas era para isso que os calçados serviam. Maquiou-os, então.

Já eram nove e meia. Só mais meia hora e ele estaria lá. Teve vontade de comer muitos chocolates, mas não queria sujar os dentes. Era para ser tudo perfeito. Jogava seus cabelos oxigenados de um lado para o outro. Culpou-se por não ter retocado a progressiva. Quase roeu suas unhas postiças. Pensava no porque de ter entrado nessa, já que estava feliz sozinha.

Dez horas e nada. Por que cargas d'água os homens marcam um horário se não estarão lá? As únicas pessoas do mundo que podem se atrasar são as noivas. Esse direito não é dado a mais ninguém! Ainda mais para um cara que ela mal conhecia. Pensou em vários palavões, mas eles não passaram por sua boca vermelho-paixão.

Dez e quinze. Começou a se preocupar. Será que o canalha deu um bolo? Como alguém poderia dar um bolo em alguém como ela? Ia pegar o celular para falar que não podia mais sair. Não ia demonstrar sua revolta e ainda sairia por cima. Desistiu. Por um segundo chegou a pensar que poderia ter acontecido algo terrível.

Dez e meia. Ouve a buzina de um Audi. Era ele. Olhou-se no espelho novamente e saiu. O cara-de-pau estava lá, todo tranqüilo, como se nada tivesse acontecido. A indignação dela cresceu. Respirou fundo e foi até o carro. Ele, transpirando charme, perguntou:

- Esperou muito?

Ela sorriu, docemente:

-Claro que não! Acabei de ficar pronta!

ARTE CONTEMPORÂNEA

POR FERNANDA BARATA

A CRISE DO SUJEITO

Num belo dia de colorido céu, pincelado nervosamente com nuvens esfumaçadas, Joãozinho largou da casa determinado a dar sua contribuição diária àquele alvoroço de azul com branco misturado no cinza. Ajuntou amarelo limão com laranja de cádmio, mais azul cerúleo com verde inglês nº 05. Um tiquinho de lilás e tratou de explorar aquele mundaréu infinito desprovido do receio de, por acaso, borrar um pedacinho ou exagerar um tom. Rabiscava tão abestalhado que mal percebeu ter se deixado até aquela amarelize toda.

Terminado o serviço, enquanto reunia os trequinhos, percebeu estar sendo observado, e comentado, pelo visto há algum tempo. O grupo de observadores achegou-se e admitiu impressionado com a agilidade e talento do moleque. Propuseram, então, a Joãozinho, que voasse mais baixo, bem discreto, em troca de cores especiais e ingressos para o cinema.

Imaginou se não estava muito novo para o risco da arte. Mas que mal fariam algumas pipas?

O MUNDO EM REDE

Era dia de comemoração, pois João dispunha de novas peripécias, que fez questão de expor aos convidados. Compareceu gente de todo o tipo interessada em seu trabalho: amigos, desconhecidos de alguns conhecidos e até estrangeiros de passagem pelo país. O anfitrião fazia questão de cumprimentar a todos e oferecia peças raras a preços inicialmente modestos. Estava orgulhoso de si mesmo, mas preferia falar pouco sobre as dificuldades do ofício.

Propôs um brinde inusitado; entretanto, a surpresa ainda estava por vir – coisas de gente famosa...

Decola, João! Passa sebo nessas canelas e pinta ligeiro! Se manda, rapaz, enquanto o negro ainda não secou! Acelera, senão! ... te pintam permanente escuro.

Coberto mofo.

Quadriculado.

O SENTIR EM DETRIMENTO DO ENTENDER

Houve uma proposta de intervenção coletiva em agradecimento ao artista. Muita gente que já admirava os traços estava disposta a contribuir de alguma forma. E partiram para a ação.

A tela crua foi desvirginada sem preparo algum: sem banho químico, sem conversa – ao que o burburinho coletivo deu lugar ao murmúrio ordenado: um de cada vez. Logo de início sobressaiu o avermelhado, a que, aos poucos, se juntou o laca gerânio – mais para o final consolidado em carmim. Tons de roxo espalharam-se com rapidez: a obra parecia pulsar. O vinho tinha até gosto quente e o pretume soava frio.

Não houve fio descoberto. Nem houve poro inexplorado.

Satisfeitos, deixaram a tela secar na sombra, para, somente depois, dar os retoques finais.

O SUJEITO FRAGMENTADO

Ao final de três dias, tudo havia ocorrido como o combinado. A encomenda foi executada com maestria, esvaindo colorido. Van Gogh não ousaria tão vivo. Nem Picasso deformaria tanto.

O artista estava sem condições de se manifestar.

O TRÔ

POR JOÃO CHAGAS

Infante

Estava tudo acertado, então. Ele acha que é a medida certa, digo, acredita que estará preparado a essa data. Desde a conversa tão esclarecedora com sua irmã, decidiu quando se tornaria crescido, deixando de ser criança assim. Tomou a decisão quando se cansou de ouvir que isso ou aquilo são coisas de gente grande, para não meter o bedelho. Nem sabia o que era um bedelho (e para manter a justiça, eu também não sei), apesar de entender a mensagem. Incomodava-o bastante essa exclusão que sofria da alta sociedade. Era como se fosse de alguma forma menos importante nas horas mais interessantes. Sabia que era muito importante para sua mãe, para sua irmã, afinal, todas ficaram bastante preocupadas naquela vez do cachorro quente na pracinha - o que só pode significar que ele era importante para elas. Então por que diabos me tirar da conversa na hora que a curiosidade apertava? Mostrava o queixo e saía andando com bicos baixos depois de algum argumento vencido injustamente. Para adicionar um fato a seu caráter, também odiava quando se referiam a ele pelo diminutivo do seu nome, era ultrajante! Até mesmo quando a intenção era absolutamente carinhosa, e na verdade sempre era por carinho, mas ele não era ser pequeno, só gente pequena. No dia 5 de Julho, então. Foi o que disse para sua mãe, escolheu a específica data porque viu que era só no mês que vem e achava interessante ter mais um mês inteiro para aproveitar o tempo que lhe restava da infância.

OPEGO

Trôpego

É algo a se pensar. Há três dias já deixara de ser criança, disposto a acordar cedo e ler jornal, beber café sem leite e nada de bolachas. Entendia que estava abrindo mão de várias coisas que amava, mas poder participar das conversas de gente grande era um sonho de infância. O mês passado teve um gosto especial, de fato. Sentir as balas era como estar mastigando sua própria boca na delícia extrema, ouvir era irrelevante, brincar era dever e, teve que confessar, brincou até quando não sentia vontade. Disse que era melhor assim, entendeu que não poderia mais perder tempo com essas coisas e decidiu brincar tudo de uma vez só, mesmo que ficasse chato ouvir os carrinhos rangendo as rodinhas. Acho que estava crescendo, mesmo sendo criança. Esses dias que passaram foram purificadores, de um certo modo. Tropeçava com certa frequência nos pés de gente-grande que tinha agora. A cada quatro passos largos, perdia o controle da sola do sapato marrom muito bem engraçado, que quicava no chão liso, ricocheteava no ar e nos seus calcanhares, desencadeando pequenos impulsos e distraídas corridinhas de que nada aconteceu. Sua irmã achou que sentiria mais orgulho de si mesma por tê-lo influenciado a essa decisão madura. Falou com tanto gosto quando fez seu anúncio, que todos se surpreenderam. Hoje, já dia 12 de julho, percebeu as responsabilidades pesando dentro dos sapatos quando saiu para trabalhar. Entendeu que era um certo desprezo misto de preguiça que deveria encher-lhe os olhos quando visse qualquer cena que não fosse cena de gente-grande, como doces, padarias, parquinhos e borboletas. Estava com as pálpebras cansadas de um sono revoltante. Via o desdém no caminho das suas pedras. Dizia para um colega do serviço, esses dias, sobre sua mudança que

gerou algum estupor, como de costume, e algumas perguntas intrometidas. Eram coisas de arrependimento e desastre emocional, como faria para desenvolver traumas e bonitas experiências de infância sem infância? Diria o quê para seus filhos e seus filhos sobre pular mangas e muros roubados? Sentiria falta do gosto dos doces e códigos que sempre são mais deliciosos com baixos números de identidade temporal? Ficou, a princípio, um tanto nostálgico com as imagens enxurradas que recebera, ouviu suas mãos tremerem, mas logo sentiu um sorriso bonito de filme chato iluminando o rosto pequeno: "Troquei as balas pelo direito de ouvir as coisas que não me deixavam ouvir. O tempo passava muito rápido e quando repari, já era mesmo hora de deixar de brincadeiras e pensar pra frente. Dei a sorte de ter tido todo o mês passado pra me des acostumar a fazer perguntas bobas e para começar a pensar em respostas esguias. As roupas me pareceram um exagero, de fato, e senti falta de tudo sim, mas valeu toda a penal. Você tem duas meninas, né, Carlos? Experimente fazer isso com elas, é ótima a sensação de poder ouvir o que se quer." Continuou inflamando um discurso progressivo por mais um ou dois cafés - a propósito, toda essa curiosidade sobre o café foi recompensada em uma delícia que desbancava qualquer leite com chocolate - até que reparou estar atrasado para o jantar. Gostava de rir dos seus atrasos, mas recentemente estavam um absurdo. Despediu-se oligárquico da mesa de quatro pessoas e foi andando a passos picados em sua pasta na mão. Olhava rápido para todas as direções procurando algum motivo, aparentemente, e brotou outro sorriso ao perceber que seu olhar agora tinha muito mais preocupação que curiosidade, como nos meses anteriores.

Metafísica

Foi convidado pela garota da copiadora para tomar alguma coisa naquela noite. Ainda que tenha gostado de beber alguma-coisa da outra vez que saiu com o pessoal do escritório, aceitou, disposto a ir por umas cocas, no máximo, estava de carro, mesmo. Era um grupo legal, se parar pra pensar, não são tão velhos quanto o resto do pessoal do outro escritório onde trabalhou, e talvez isso o deixasse mais à vontade para começar algumas conversas de gente grande. E nesse ponto, tropeçou no seu adiantamento. Há umas duas semanas não tem conseguido conversar muito bem com as pessoas. Não entende, mas as palavras vão sumindo na hora de pensar nelas; na hora de falar, então. Não é sempre. Algumas pessoas o deixavam mais confortável: essa garota da copiadora, por exemplo. Ela é estagiária, Isabela, e uma vez ele jura ter visto um desenho por baixo da blusa, perto da cintura, quando ela teve que se esticar para pegar o outro pacote de folhas. Gostava dela, mas sempre vinha com alguns risos estranhos que insistiam em não sair, quando chegava para falar com ela. Decidiu, então, preparar alguma coisa. Já era quase hora de sair do expediente. Deveriam ir ao bar do outro lado da avenida, com o pessoal da retaguarda do escritório, umas oito cabeças que sempre andavam juntas na entrada e na saída do expediente, falando moderadamente alto e rindo bem. Era um grupo legal, mesmo. Arrumou os documentos que faltavam para hoje de qualquer jeito, mas sem dar caras de que estava pronto para ir embora. Reparou que é legal enrolar uns dez minutos depois do horário de ir, normalmente o trabalho já estava pronto, mas as pessoas olhavam com uma cara de gosto para ele. E foi andando até o banheiro. No caminho, viu que ela ia saindo com o pessoal pela porta de vidro da frente, tudo certo, os encontraria no bar. Na frente do espelho começou a pensar em algo interessante para dizer

" Esterco é a estratégia da natureza para manter a energia circulando. Se todo mundo gostasse disso

tanto quanto gostam de ouro, apenas o guardariam. Isso é algo a se pensar - ouro, principalmente, tem pouquíssimo uso funcional além de algumas partes elétricas, apenas dinheiro e joalheria, agora. Merda, por outro lado, é o que nos traz comida, é um ciclo lindo, né? Olha só, por exemplo, imagine a aliança mais bonita de todas feita de uma composição de lã e esterco de bodes Noruegueses - ou de minhocas Havaianas -; você pode cheirar e é normal, porque eles adicionam algumas coisas ali, mas ainda que te incomode o conceito de um anel de merda no simbolismo do seu casamento, você consegue entender que isso está na moda agora - as pessoas realmente estão usando. Moda, meu Deus, essa é a coisa! Se todo mundo guardasse esterco como seus bens, a produção alimentícia ficaria ainda mais complicada. Sabe, a Natureza está cagando e andando para o ouro, mas nós não devemos nos meter com o esterco, meu bem. "

Nesse ponto, já estava no meio da avenida, e já dava para ver a esquina do bar, riu algumas vezes no meio do pensamento.

" Agora, com plástico a coisa é diferente; nós o criamos. Claro, nós produzimos esterco, mas não criamos merda nenhuma. Ouro? Não temos nada a ver com isso. Só que temos mania de achar que plástico é limpeza, saca? Tá. Não, não venho com um discursinho eco-bla-bla-bla, mas plástico é poluente. De um modo que leva à estagnação da energia - e por energia eu quero dizer átomos. No momento que desperdiçamos uns átomos fossilizados para plastificar nossa identidade, matamos várias possibilidades de usarmos essa energia um dia para, sei lá, flexionar os músculos que precisamos para abrir a porta do banheiro. Se é que são verdade esses boatos de que plástico tende a nunca se decompor. "

Ótimo, estava engraçado, meio polêmico, dá para puxar outros assuntos de gente-grande e ele até conseguiu usar essas palavras novas que viu no jornal ontem. Eis o bar. Esticou o pescoço algumas vezes procurando o pessoal e palpitou ao vê-la acenando para ele, sorrindo, sozinha na mesa com o logotipo da cerveja amarelando seu sorriso de volta.



PARTE 1

Aproveitei a manhã livre de um meio-feriado para romper meu marasmo e andar até a praia, vencendo as barreiras da inércia, da preguiça e do comodismo.

Levei comigo um caderno, uma caneta e um livro sobre budismo.

Eu não ia ler.

Era uma âncora.

Um totem.

Algo pra focar.

Sentei, cruzei as pernas, fechei os olhos.

Não tinha a menor pretensão de me tornar o Buda da Castanheira.

Embaixo areia, em cima as folhas.

Vento da direita pra esquerda.

Mar na frente, avenida atrás.

Tudo era real...

... Mas nada convincente.

Quando abri os olhos de novo, eu vi um buraco no céu.

Outro no mar.

Achei estranho.

Escrevi.

Passou.

Fechei os olhos de novo.

Dessa vez o buraco era eu.

Escrevi mais.

Não me lembro de nada que eu tenha escrito de forma tão impessoal e ainda assim tão intimamente ligado a mim.

Foi limpar de fora pra dentro.

Implodir, explodir e manter a integridade no processo.

Reconheci a mim mesmo segurando meus cacos colados (com muito amor, carinho e receio de me expor por aí).

Percebi que era uma carapaça.

Uma colcha de retalhos que não combinam entre si.

Me senti ridículo.

Tipo um sirí que se recusa a trocar a casca mesmo tendo outra mais bonita e adequada crescendo por baixo dela.

Me levantei e fui pra casa.

PARTE 2

Tarde na praia

Pé na areia

Carapaça no mar

US
PARA AIA
POR Sidney Spacini
Abá da

Amie II

por Isabella Mariano

Acordei com aquela sensação de que estava caindo. Ao meu lado, estava uma mulher linda, deitada e dormindo como um anjo. Só decidi levantar porque alguém insistia em não entender que eu estava ocupado. Abri a porta e, à minha frente, surgiu a figura de um alguém que eu pensei que não fosse ver mais. Os lábios rubros tinham um tom velho, gastado. A maquiagem estava aguada. Não tinha chovido. Ela descalça e eu nu. Não quis recebê-la.

Meu sangue fervia. Tive vontade de lhe dizer que estava melhor. Que voltara a escrever, escrever frases mais longas. Com menos drama, com menos dor. Dizer que tinha pintado algumas figuras na parede e não eram vermelhas. Tive vontade, aliás, de gritar. Berrar que estava muito bem sem ela, sem seu inferno astral. Que viajei pra muitos lugares e quebrei muitos corações. E que estava bem. Mas sua aparição me fez pressentir.

✱ ✱ ✱
Lendo o jornal, no mesmo lugar de sempre, pude sentir que estava em sua mira. Olhei-a. Ela me disse um turbilhão de coisas, palavras sem sentido, sílabas soltas. Continuava lá, estática, amassando seus lábios cansados. V a g a r o s a m e n t e.

Levantei-me, parecia sóbrio, graças a Deus. Havia acabado de chegar a meu apartamento, ouvi seus passos. Ela entrou. Em tudo.

✱ ✱ ✱
Não era preciso dizer. Mas foi impossível resistir. A sua pele me atraiu como um ímã.

De novo, havia vermelho nas paredes e eu estava lá, imerso em um sonho, dentro de outro sonho. Ela me roubou as palavras, não conversava mais. Separava tudo para ela.

✱ ✱ ✱
Um cinzeiro de vidro estilhaçado. Ela chorava continuamente. Negou-se a responder quando perguntei o que havia acontecido. Todas as noites isso se repetia. Duas vezes perdeu as chaves. Acabou com meus maços. Manchou os meus livros. Perdeu as canetas, esqueceu a cozinha e não fazia nada de diferente. Ela estava morta.

✱ ✱ ✱
Escrevi e na primeira tentativa parei. "O que me importa seu amor agora? Quero minhas frases de volta".





por
Livia Corbellari

faca de dois gumes
feita pra cortar
pronta pra curar

Faca de dois
gumes
Feita pra
cortar
Pronta
curar



UMA PRODUÇÃO
GRACIANO

+

**FOI
À**

FEIRA

**WWW.FOIA
FEIRA.COM**

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL
MARIANA SCHMIDT
FLICKR.COM/MARIMARIANNA



CAFÉ LITERÁRIO

PARA QUE SERVE A POESIA?

Por Leandro Reis

Três poetas para responder a questão que cerca todo o seu trabalho: para quê serve a poesia?

Erly Vieira Jr mediou o encontro de Fabricio Noronha, poeta e vocalista do grupo Solna Garganta do Futuro, com o também poeta Sergio Blank, no Café Literário. O projeto do SESC, realizado mensalmente no Centro Cultural Majestic, tenta trazer um diálogo entre escritor e público. O tema desse Café, ocorrido dia 21, foi a utilidade da poesia.

Depois de mais de duas horas de conversas e provocações, os três poetas pareceram concordar em uma afirmação: a poesia é inútil. Mas será inútil mesmo? Um debate tão rico acerca de um tema tão inútil... Parece difícil de acreditar. A conversa no Café Literário deixou vários caminhos, várias questões. A única certeza é que a discussão precisa continuar.

Nesse sentido, Sergio Blank pareceu animado para prosseguir a sabatina. “É uma discussão que tem que ser levada em frente. Vamos juntar mais poetas!” Fabricio Noronha ressaltou a inovação desse tipo de debate, que procurou analisar a poesia de uma forma mais crítica: “É mais comum a gente ver a poesia em um sentido mais de prazer, de contemplação. Aqui a gente vê a poesia em um sentido mais de provocação.”

Já falamos sobre a utilidade da poesia, embora a resposta não esteja muito clara. Mas e a utilidade desse debate? Fabricio Noronha falou sobre a possibilidade de expansão do conceito de poesia: “Tem muita gente que gosta de poesia, mas tem um conceito mais fechado sobre ela. Quem vem a um evento desse, se depara com um recorte mais amplo, um recorte mais ousado, conseguindo expandir, buscando outros autores que foram citados aqui.”

As incertezas rodearam o assunto, mas a satisfação do público do Café Literário não pode ser questionada. Alguns integrantes do grupo Sol na Garganta do Futuro estiveram lá e, junto com Fabricio Noronha, fizeram uma performance durante o evento. Além da qualidade da apresentação e da conversa com os escritores, a platéia foi presenteada com obras de vários escritores capixabas premiados pela Secult.

CURADORIA DE ERLY VIEIRA JR
FOTOGRAFIAS DE LUARA MONTEIRO

DOSSIER

PARA LER EM VOZ ALTA

Afastam-se os outros dois, caminham juntos mas não se falam, repercutem – Marteladas repercutem no ar, ordens e comandos repercutem, vozes e sons reper e cutem por toda parte, começam a ser puxados pelas roldanas alguns pedaços de madeira, suspensos por cordas, vai aqui este extenso tabuado, é um belo e reto pranchão de muito peso, volteando no espaço, lá de baixo o vê subir o homem que o atou à ponta da corda, observando-o com olhar desinteressado, olha por olhar, se tivesse sido mais cauteloso no atar a peça não se daria o que vai se dar. Mas esse homem dormiu pouco, bebeu os seus goles à noite passada em companhia de uma putriz indócil, não cabe mais nada a fazer agora senão assistir à tábua sendo transportada no alto, lançar-lhe essa impotente espiadela terrena vendo-a oscilar sobre o estaleiro como asa bamba e aberta, por acima de dezenas de cabeças de vários formatos, à procura da mais bela e torneada e, feita a escolha, se despega da corda, riscando – Em direção ao solo, risca, vêmo-la nós porque a temos sob olhares, gritam os que percebem a iminência da tragédia, olha a tauba, olha a tauba, correm uns, espalham-se outros, desce vertical e certo o madeirame, aquele que escolhi, comigo levo, desde o começo já são seis meses sem acidentes nesta obra, quebre-se a rotina, fure-se a estatística, estamos na presença do acidente número um, choca-se o madeiro com firmeza contra o chão e colhe, sob seu peso, numa pranchada fulminante, salame-minguê, a Diogo Dó-ré-mi.





Luiz Guilherme Santos Neves, *As chamas na missa*, 1986.



TRÊS


Logo acima do nariz percebo algo como um ponto. Se fecho os olhos ele continua lá, mas passa a emitir cores. Ao abri-los, não posso vê-lo de imediato, apenas alguns segundos depois. Talvez que a luz me cegue um pouco no início; nunca duvidei de sua existência concreta. Nem mesmo quando desapareceu por duas semanas. Foi o tempo em que estive recolhido. Não poderia vislumbrá-lo em meio à luz fria e às paredes brancas do quarto. Agora tenho sol e meu ponto voltou ao seu lugar de origem. Não me lembro mesmo de quando o vi pela primeira vez, mas ao certo sempre esteve comigo. À noite, quando me recolho para dormir, é a última imagem com que me deparo. Despeço-me dele e agradeço por sua presença. Entrando diariamente na caixa de cores, receio por vezes que ele se perca, prazeroso ou distraído, por entre os seus muitos matizes. Então fecho e abro seguidamente os olhos, temendo tê-lo perdido e já na esperança de poder recuperá-lo. Mas ele segue, e é ao ar livre que vou poder encontrá-lo com mais nitidez, a sua negra redondez, a sua constância, a insinuação galhofeira de vôo que faz quando me volto rápido para olhar o céu. Por vezes misturo-o com o fundo, porque não é sempre fácil manter a consciência da sua unidade, especialmente quando se dirigem a mim pessoas de olhos castanhos ou quando o mar escurece, em dias nublados. Seu corpo minúsculo reconhece a poeira de todas as estantes. Quando durmo sei que vela aceso entre os muitos pontos que compõem a noite escura.

Riachos de amarelo reaparecem nos rastros de chuva, sobre a lama-poeira na lataria do ônibus; o sol enerva a manhã dos escritórios; baixos platôs e pequenas cordilheiras brotam no reboco, na parede cega do grande edifício, sempre em torno do meio-dia; o instante se dilata e você crê no que vejo; a enxurrada de sol da tarde se encaixa na estreita rua como num leito que desemboca em todo o mundo; debaixo da velha árvore o dia acaba quando as folhas vão ficando pretas até tomarem todo o céu.



Bernardo Barros Coelho de Oliveira, Instantâneo, 2005



A dramatic scene with a red light source illuminating a dark space, possibly a stage or a room with heavy curtains. The light creates strong highlights and deep shadows, giving the scene a mysterious and intense atmosphere. The background is mostly black, with the red light casting a glow on the surrounding elements, which appear to be draped fabric or heavy curtains. The overall mood is one of suspense and drama.


Quando cai o pano, Letes segura a dama delicadamente em seus braços para depositá-la entre as almofadas recheadas de penas das aves amadas de sua senhora. Se a tivesse conhecido no circo, duvidaria de sua existência. Teria dito que os vôos rasantes de Lúci ocorriam por causa das acrobacias no trapézio. Mas não, conhecera-a no trem para Corumbá e ficara seu escravo para sempre. Primeiro do sexo, violento e compulsivo; depois, da beleza de sua ambígua condição. Ele, castrado por ela, atara-lhe feito moira seu destino, como se o pedaço de músculo de sua virilidade sobrevivesse nas asas sem sentido. Agora, escravo e dona se misturam no curso do circo, mas somente quem sente a quentura de sua pele, a esqualidez de suas asas ou o brilho vítreo de seu olhar pode entender a que veio Lúci Qüerr. De sua fantasia de paetês, caem os brilhos da noite em que o pai sorrrateiramente aproximava-se de sua cama. Cuidadosamente, Letes pendura as alegorias nas araras do camarim. Sua enorme sombra cobre agora o corpo de Lúci. Meio boneca, meio ave, ela deixa escapar um suspiro fingido.



Virginia Coeli, A estória de Lúci Qüerr, Instantâneo, 2005.



Marco Berger, Histórias inúteis: Os Kunsthandwerker, A medida de todas as coisas, 2002.



Os Kunsthandwerker nunca falam sobre a própria morte porque há uma cumplicidade antiga quanto à certeza de que nunca estiveram vivos. Eles não são personagens, pois não possuem história. Eles quase não falam e, quando isso acontece, nunca falam de algo além da percepção imediata, nem mesmo de Hans, que reconhecem ter perdido para sempre, embora jamais tenham feito esta afirmativa ou conversado sobre a possibilidade. Na verdade, os anos transcorrem na expectativa da chegada de julho e agosto, quando, então, eles se deitam nus sobre as espreguiçadeiras ou diretamente sobre o gramado do quintal e absorvem doses incomensuráveis de luz solar, apesar da decrepitude dos seus corpos e do desamparo causado pela inutilidade das suas recordações.

confesso que me passou um arrepio na espinha. O lastro de pólvora seca que o bandido acende na ponta perdida e explode em barril nos muros do forte apache, tentando invadir esse interior misterioso. Tiros para todos os lados, mas ele, lá, firme. “Diante da tela, as balas não atingem.” Será? E de um arremate úmido, alimenta, o bandido, seu cavalo nos cochos do forte. Água, baba e frescor nesse mar árido de filme faroeste. O sem nome do deserto, a aridez de palavras que desejam ser decifradas nos vestidos bordados da mocinha do faroeste. Também gostei dos beijos prometidos às rendas brancas de teus dentes, tuas úmidas gengivas e teu duro esmalte em sorriso fugaz. E então monto cavalgadura espessa e me lanço, como dado no descampado de teu corpo róseo, mesa de jogos íntimos de nós dois, externo. E livre passeio campos de peles vermelhas fora de muros, fora do forte, entre montes e matas nas densas vegetações de teu território sagrado. Lugar de sacrifícios, ecumenicanibalismo, banditismo e antropofagia;



A corte

Não o deixaram subir no espaldar do trono, então tomou o cetro das mãos do vizir e acertou forte pancada no joelho de um regente.

Apanhei o petiz, desnudei-lhe a bunda e avermelhou-se a pele já contemplada pela marca real de nascença.

Enquanto arranjam outro bobo, vão erguendo o cadafalso.

Francisco Grijó, *Licantropo 2, Licantropo e outras histórias*, 2001.

O momento antes da carnagem, da matança: a escolha. Levo em conta peso, modo de andar, silhueta, ar burguês, elegância, displicência. Prefiro homens, porque o instinto de defesa deles é quase uma obrigação nessa época de efeminados e travestis. Gosto de atacar aqueles que têm – como eu – a influência para se manter vivos, que são capazes de lutar para sobreviver, embora eles mesmos saibam que é inútil tentar conter minha ira. Sou sempre mais forte, mais rápido que qualquer ser humano conhecido. Já matei mulheres, mas não é essa minha preferência, assim como sou capaz de poupar – mesmo em dias de extrema fome – crianças e adolescentes. A carne é açucarada, nada me diz ao paladar. Hoje não será necessário escolher. Saio de casa com as vítimas definidas: os policiais. O céu polifêmico, com seu único olho noturno que me guia, está limpo, não há sinais de chuva mas há poucas estrelas. Onze horas.






Paulo Sodré, Lhecidio, 1989.

Enquanto se observam vistas, parece que de qualquer detalhe surgir  uma surpresa: de cada janela existe a possibilidade de cair uma circunstância inédita. Um bilhete, uma olharia que modifique os hábitos, o astigmatismo, a poeira, os movimentos; como se uma carta de tar  estivesse escrita em todas as paredes, horas, rodas e bolsos, para ser descoberta a escrita na palavra da mão, lida e apreendida num significado capaz de remover todas as teimosias de São Tomé. Tar  ou poema: anéis de  gua. Contudo, em cada vidraça, sinal, botão, dez minutos, jeans ou bolso que passa, o corvo os encerra com presságios de meia-noite poeniana: nevermore nevermore, apagando Lenores de alguma espera inevitável. Inevitável.

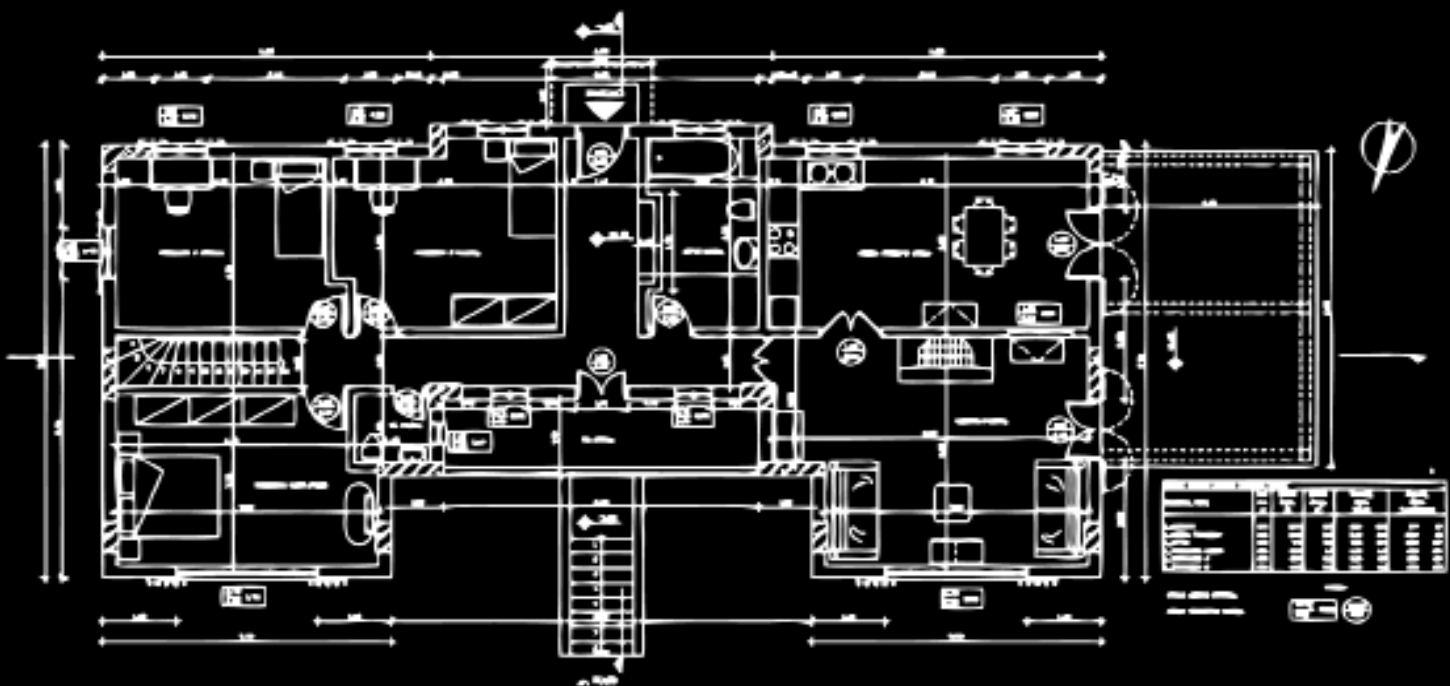
O  nibus parou, abrindo a porta.





Sueli. Sim, até aquele momento ela podia chamar-se qualquer coisa, desde Ana até Joana, desde Joana até Maria, desde Maria, até, sim, até Norka. Mas agora é definitivamente Sueli de uma vez por todas, está nomeada Sueli para sempre, quem sou eu e quem é quem para reveter o irreversível. (Afinal, não estamos na Bíblia, onde Sarai vira Sara e Abrão, Abraão). Mas eu me acostumo bem rápido à luz desse nome e percebo que ela é Sueli e não pode ser outra coisa, e me considero um cego, um insensível, por não lhe ter sabido ler o nome em sua pessoa desde o primeiro momento em que a vi; pois seu nome está inscrito nela, vai e vem junto com seu corpo, aflora nas entrelinhas da sua voz, tremula em cada um dos seus gestos, é halo, é emblema, é cicatriz. Está presente nela e nunca a deixa só. Sueli. Um nome de cores tênues, que muitos podem achar vulgar e inexpressivo. Um nome sem pedigree, que nem sei de onde provém, quem sabe de alguma Sue Lee de algum filme americano sobre uma China estilizada? Um nome sem encanto, a não ser o encanto de ser o nome dela: Sueli é o nome de Sueli. Sibilante, dá bem uma idéia da pressa, do ímpeto, do ritmo de vida da pessoa em si. E, paralelamente, uma idéia de presença offdica, representada até no serpentino de sua letra inicial – há veneno nesse nome para quem brincar com ele? Se há, o próprio nome o pressagia por entre suas pétalas: nomen est omen.

Casa Tomada



Seu cantinho na Graciano

Airbus

Por: Carolina Ruas

Nunca disse que sabia das respostas. Mesmo assim, ele as cobrou. Com imposto de renda descontado previamente levando na nota fiscal uma observação sobre os possíveis encargos que deveriam ser debitados em sua conta: humilhação, frustração e baixa-estima estariam listadas, com certeza. Mas a conta deveria ser paga conjuntamente. As minhas escolhas e os seus desvios. Os meus pares de dúvidas e as suas embalagens de silêncio. Entretanto, os bens compartilhados – agora estilhaçados no hall – foram devidamente endereçados para destinos díspares, separados dos amendoins que comeríamos no próximo voo.

O meu e o seu coração eram cada um em um canto da caixa, enviada para o setor dos 'objetos frágeis'. Frágil uma ova! Havia sido pisado, massacrado e mutilado quantas vezes até ser atirado janela a fora pela prepotência das elucidações humanas? O fato é que esta parte, de que se diz fundamental do ser humano, batia perversamente dentro de uma caixa instável e duvidosa que era o meu corpo.

E que fazer então, com os destinos devidamente programados dentro de um painel mecânico que nada dizia a meu favor a não ser que você teria sua isenção em pouco menos de umas horas?? O que dizer se alguém lhe diz que o melhor é investir em seus próprios negócios ou num mercado externo, mais promissor que as antigas fontes de renda? Não faria a mínima diferença, de qualquer forma, e a minha rotina era assistir sempre a fuga do capital e a desvalorização local. O que lhe faria ficar, não seriam alguns poucos números no seu celular, ou no seu pager – mas pager não é algo que se use hoje em dia! – apenas quando se é um homem de negócios. Me confortei e tentei olhar o mercado local, mas os investimentos pareciam tão indiferentes para uma transação tão profunda.

Acho que não é hora de mudar de política. Nem era hora de iniciar uma nova aplicação. Seria muito mais fácil concentrar as energias em um negócio seguro, confiável e aberto para reformas. O meu coração estava sempre aberto, mas você nunca entendeu, nunca conseguiu, nunca procurou. Você, nunca. Recusou até as commodities que estavam atreladas. Não basta dar a volta, é preciso entender a curvatura. E eu precisava entender de economia pra te entregar qualquer coisa inteligente ou eloquente. Nenhum dos dois, mas que fosse convincente.

A essa hora caberia a mim digitar os números na telinha digital? É

o que de vez em quando, agora, eu me pergunto quando olho pra você, desse jeito de quem não sabe pra onde foi. Porque eu olho todos os dias, e não dá pra não fazer isso, e nem dá pra te escutar. Quer dizer, dá pra escutar, mas só dentro da minha cabeça. Aí eu tampo os ouvidos com as duas mãos pra ficar só eu e você nesse momento de privacidade auricular. E eu bem que podia fazer você partir logo. Mas não dá. Na verdade, você pega aquele avião todos os dias, e todos os dias eu me vejo segurando aquela caixa de frágil nas mãos, cujo interior tem um músculo pulsante mutilado, massacrado e pisado num canto sozinho, mas pulsante. E lá, todos os dias tentando decidir se despacho ou levo na mão.

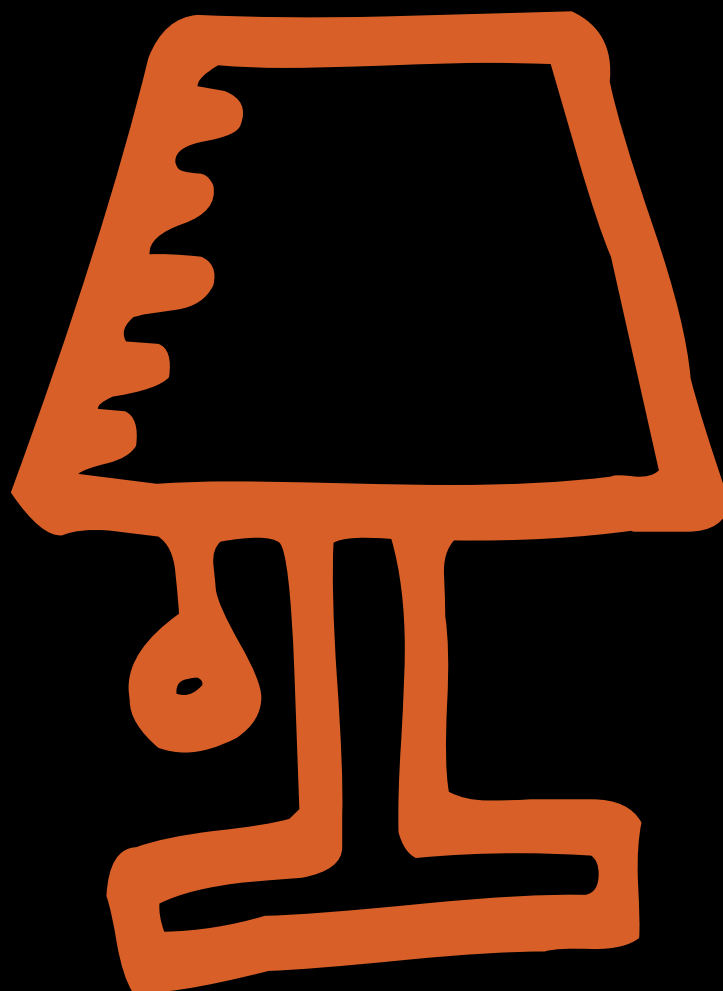
Mentira, a dúvida é se despacho pra Tóquio ou pra Nova York. Nova York que é sempre pra mim, e Tóquio que é sempre pra você. Mas são tão iguais. E tão diferentes. E na verdade eu nem estive em nenhuma delas. Mas quando fui a Tóquio, todas as ruas eram azuis e todas as esquinas eram vermelhas. E todas as luzes brilhavam e todas as cores te desenhavam. E eu bem queria me desmanchar em trinta mil pedacinhos, pra caber nos trinta mil pensamentos que eu via brotar da sua cabeça.

Mas no fim, nunca soube dizer mesmo o que é isso. Ou sei: investimento de risco.

para segurar as pontas,
e caducar as dívidas,

A Casa Tomada também te espera

Se você tem algo guardado na gaveta - seja poesia, conto, crônica, etc. - envie para o e-mail contato.graciano@gmail.com, juntamente com uma breve biografia de até cinco linhas. Se o seu texto for selecionado, será publicado nas nossas próximas edições.



Lançamento do Blog Garganta

Por Sidney Spacini

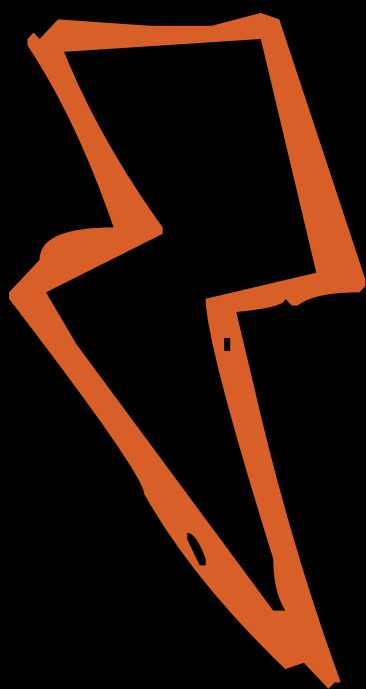
O que esperar de uma noite de quarta-feira? Certamente não se espera um evento cultural com a presença de bandas e projetos que aliam cultura, literatura, performance e vídeo numa apresentação única e, como sempre, inesperada. Esse foi o lançamento do Blog Garganta, que arrastou nossa equipe de reportagem em plena quarta-feira (22 de setembro) para conferir o que estava rolando nesse evento um tanto peculiar para os padrões locais.

O Blog Garganta foi um dos contemplados pelo Edital de Sites da Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo – realizado em 2009 – e une iniciativas que tramitam entre música, poesia e vídeo. A grande motivação do blog é fomentar e mostrar a produção de artistas, coletivos e iniciativas que se enquadrem nesses âmbitos, num ousado projeto com uma cara de portal para convergir todas essas informações e fazê-las circular, bem como produzir conteúdos. A idéia veio dos programas já em andamento do coletivo artístico, musical e multimidiático Sol na Garganta do Futuro.

Em entrevista para nossa equipe, o porta-voz da banda e também escritor Fabricio Noronha falou um pouco mais sobre a iniciativa:

Equipe Graciano: De onde surgiu a iniciativa de montar o blog?

Fabricio Noronha: Isso vem do nosso interesse pela música e pela poesia. A gente começou a namorar a internet, começou a usá-la para difundir nosso trabalho. E a partir dessa nossa relação com a internet e também com as relações que fomos criando pela circulação com a banda, fomos criando uma rede de contatos, de uma produção bacana, independente, e que está rolando aí pelo país inteiro. O blog surgiu para jogar essa história toda que a gente tem a contar e também



disponibilizar o material da galera da rede. Ele vem para organizar essa nossa rede maluca de contatos e também para produzir seus próprios conteúdos. Está previsto lançar livros em formato de audiobook, relançar livros em formato de e-books, lançar versões virtuais de livros que já estão aí fora de catálogo ou recém-lançados... Enfim, tudo sobre a batuta da cultura livre, a circulação livre, o acesso livre de materiais.

EG: Fabricio, por que um blog?

FN: O blog é um formato ligado a uma estrutura dinâmica, ao dia-a-dia, à cronologia das coisas e das informações. A gente acreditou que seria a melhor forma, para conferir essa dinâmica dos acontecimentos à iniciativa. Hoje, estamos fazendo uma cobertura pelo Twitter, outras matérias para o blog e ainda uns vídeos das entrevistas. Eu acho que o formato de blog se mostra mais coerente dentro da dinâmica da produção que a gente pensou.

EG: Como surgiu o interesse em aliar literatura a outras plataformas? E como você acha que o Blog Garganta vai ajudar a repercutir esse tipo de intervenção, essa movimentação?

FN: Faz parte também no nosso trabalho, tem a ver com a nossa experiência enquanto Sol na Garganta do Futuro, que também busca esses caminhos de pensar outras formas, outros espaços para pensar a poesia de uma maneira mais ampla. A gente não sabe, não dimensiona a repercussão. Não temos uma meta grandiosa com esse projeto. Apenas ter um espaço onde as coisas vão estar organizadas para as pessoas terem acesso. O acesso, pelo que a internet tem mostrado, gera essa vontade nas pessoas de se apropriar daquilo, se inspirar naquilo pra criar novas coisas também é da própria lógica da internet.

EG: E essas produções derivadas desse contato também terão espaço no blog?

FN: Com certeza. Toda a idéia é da troca. A intenção é expandir essa rede. Temos essa pequena rede de produções, a qual vamos usar para o pontapé inicial, mas a partir daí a idéia é que a rede cresça e cheguem novos conteúdos, cheguem novas idéias, novas propostas e que a coisa se transforme. Estamos abertos a isso, com certeza.

EG: Quanto ao trabalho do Sol: a idéia aqui é agregar várias formas de trabalhar a poesia, a performance e o espaço. Como esse contato com projetos diversos tem repercutido na obra de Fabricio Noronha ou do Sol na Garganta do Futuro?

FN: Então, eu tenho total interesse nesse tipo de produção em coletivo. Foram poucas as obras que eu mesmo assinei – acho que só meu livro mesmo. Todas as outras ações que eu desempenhei esse tempo todo foram na lógica de coletivo. O Sol vem caminhando bem nesses quase 9 anos e seus vários formatos, agora com o lançamento desse blog, e em breve com o lançamento do primeiro disco com uma boa produção e gravação em áudio que vamos ter e que também vai ser disponibilizado não só no formato final mas também com as faixas abertas. A idéia é deixar mesmo livre aí o material. Não sei como vai ser quando tivermos esse material de boa qualidade nas mãos. Sei que não é muita coisa para uma banda hoje em dia ter um disco gravado. Não existem mais aquelas pretensões do séc. XX, mas é uma coisa que vamos levar aí com a gente por onde a gente passar.

EG: Que parcerias já foram firmadas pro Garganta?

FN: O coletivo Multi, a principal delas aqui que é o ponto Fora do Eixo; o Circuito Fora do Eixo, por tabela, é uma parceria firmada aqui, hoje,

e a prova disso é o evento de lançamento com a banda Teresa, que veio dentro dessa proposta. E também em outubro, estaremos em um festival grande que é o Festival Contato, lá em São Carlos, onde levaremos essa proposta do blog e da literatura. Temos encontrado espaços dentro dos festivais ultimamente por eles não estarem presos só aos shows. Nós vamos encontrar justamente o espaço da literatura. Temos fechado algumas parcerias com editoras também, como a Editora Azougue, lá do Rio. Temos uma parceria com a Editora Cousa, que é uma editora nova, independente, aqui de Vitória. Vamos lançar também algumas coisas em conjunto, tipo o audiobook do Danilo Ferraz, que acabou de lançar “A Fábrica”, um livro pela Ed. Cousa, o Saulo Ribeiro que é um dos editores também dessa editora vai lançar um livro em parceria com o blog. Esses são os primeiros. A idéia é produzir conteúdos a partir de eventos como o Café Literário, do qual participei ontem. No ano passado também firmamos parceria com o Fórum de Mídia Livre, que tem conteúdo pro blog já disponível dessa vez... A coisa toda vai acontecendo nessa dinâmica. Temos a rede já consolidada, mas a coisa toda não tem, assim, um super-cronograma.

Em entrevista com o prof. Dr. Fabio Malini, representativo nas discussões acerca da produção de conteúdos frente à nova lógica que acompanha a atualidade, sobretudo na internet, através de iniciativas como o Coletivo Multi e o Fórum de Mídia Livre, conversamos um pouco a respeito do evento:

Equipe Graciano: Fábio, o evento de hoje representa uma movimentação cultural diferente. Trazer alguma coisa nova para o estado. Agregar situações de produção de

cultura diferentes. Qual a representatividade disso na sua concepção?

Fábio Malini: Eu acho que o legal do evento é que a idéia de lançar um blog já é algo diferente. Poderia ser lançado um site. Eu acho que lançar um blog de certa maneira mostra um pouco de uma cultura nova que circula por uma série de agentes. Desde agentes literários, que já começam disponibilizar conteúdo na rede – que articula uma atividade fora da rede – como aqueles que produzem música, que de certa maneira usam o mesmo dispositivo para criar tanto um veículo de comunicação quanto um movimento em torno do conteúdo. O legal do blog é que além de você ter um lugar no qual você possa se expressar, você também articula com pessoas que estão no mundo inteiro em torno de um determinado tipo de atividade, seja ela literária, musical, de dança...

EG: Esse blog está propondo uma integração de projetos que dialogam com a literatura de alguma forma e expandem esse conceito da mídia de como apresentar a literatura, como apresentar a música, como apresentar espaços. Como você acha que essa convergência, no formato de blog, pode ajudar a movimentar esse conceito?

FM: Acho que o blog, o Fabrício e o Sol na Garganta têm uma inovação interessante que tem a ver também com outros movimentos nacionais e até internacionais. É o fato de uma nova narrativa literária que utiliza outros recursos dados pelo próprio dispositivo ‘internet’, que é capaz de transformar a poesia, por exemplo. Hoje, você vê poemas que fundem o verso com a imagem, seja no audiovisual, na fotografia, o áudio estritamente. O interessante é um novo gênero literário que surge, que contamina coisas como a poesia, a crônica, como um



novo gênero literário.

EG: A produção para a internet tem uma série de características que vão se moldando a partir das pré-estabelecidas, tentando conciliar essas idéias. Como você acha que essa proposta pode trazer novos caminhos para a literatura, para a música, e para todos esses movimentos que estão convergindo no blog?

FM: Acho que o mais importante é construir uma cena de produtores que transpõem para a internet uma atividade literária – como a literatura e música – e usam a internet como veículo de comunicação, e junto com outros que vão além disso. Começa, então, a construir um esforço de linguagem que mistura essas várias possibilidades de escrita, de construção de imagem. A partir da cena, começa a necessidade de distribuição desse conteúdo. Tanto na sua versão “em átomo” quanto na sua versão “em bit”. (...) No mais, é um espaço novo de atuação criativa. Não se trata de um espaço que reduz ou aniquila os outros espaços. Ao contrário, é um espaço que consegue criar uma nova possibilidade de linguagem.

EG: O blog surgiu de um edital com um caráter quase inédito, junto com o blog do Vice Verso. A partir do momento em que se contempla uma iniciativa como essa, qual o papel do Estado? O estado deixa que elas venham a se gerir autonomamente, ou ele tem que intervir de alguma maneira?

FM: Eu acho que tem sempre a questão da sustentabilidade. Mas em primeiro lugar, é um edital interessante porque dá a liberdade para o produtor fazer o que bem entender. Ou seja, é uma espécie de prêmio, a prestação de contas é sempre muito simples. É muito válido fazer isso para pessoa física. É algo inédito. Durante

o processo de seleção, que eu participei das duas edições, do ano passado para cá houve um crescimento muito grande. Tanto é que a categoria foi ampliada, os recursos foram ampliados. Acho que é uma novidade importante e nós, como sociedade, temos que nos articular para que o próximo governo mantenha essa perspectiva de articulação com a sociedade pelo edital. Agora, lançada essa atividade, como essa produção cultural se mantém? O próprio governo disponibiliza editais de manutenção. Por exemplo, esse blog, se determinados grupos ou pessoas quiserem concorrer a um edital para que haja continuidade, há um edital que garanta isso. São poucos recursos? São. É válido reivindicar mais recursos? É importante. Até porque a cultura da internet envolve muita gente de forma multifacetada. Há desde o pessoal da literatura até quem trabalha com memória histórica dos pomeranos em Santa Leopoldina. Então, acho que a gente precisa incrementar um pouco isso. Agora, o papel do estado é cada vez dirigir menos. É transferir direto. Ficar criando instâncias de direção da cultura é muito o pré-Lula, e eu acho que a dimensão brasileira pós-Lula é a noção de que “todo mundo tem direito ao seu Bolsa Família”, e os editais são o Bolsa Família da classe média, digamos assim. Você vê os editais desse ano, você já vê quilombolas, que já estão concorrendo, todo um conjunto de sujeitos sociais que até então era excluído do circuito da cultura. E toda uma geração nova, que desponta com uma facilidade muito interessante de criar.

O que eu acho legal do Garganta é que por um lado ele articula o local, mas por outro lado ele tem uma cabeça completamente internacionalizada, globalizada, que fala vários idiomas. É importante criar um movimento local, mas é preciso também articular para fora, porque se não, você fica completamente guetizado.

<http://garganta.blog.br/>



biblioteca + do que básica

biblioteca básica

Como contar os dias ímpares?

Uma leitura da obra poética de Sérgio Blank

Por Erly Vieira Jr

OS DIAS ÍMPARES

são os meus preteridos
em feixo de soluços
nestes sonhos datados
os meus anos colecionados
do calendário fixo no prego
na parede de azulejos – copa ao lado da cozinha
'folhinha' de papel couché sem foto de musa nua
e sim, ah mas claro que sim: óbvio
com sagrado-coração-de-jesus sangrando flechado e escarlate
(Sérgio Blank, in: Vírgula, 1996)

Vírgula foi um tapa pra mim, quinze anos atrás. Causou-me estranhamento e encanto aquele conjunto de poucos e tão precisos poemas, com versos afiados e surpreendentes, tanto no que diziam quanto no “como” diziam. Na época, eu, estudante universitário, 19 anos, havia publicado meus primeiros versos, ainda empolados e afetados, na *Escrivantina*, uma seção destinada a novos autores, que havia na revista *Você*. Já conhecia a contundente e mágica poesia do Waldo (afinal freqüentei durante um ano inteiro sua oficina literária *Poesis*) e os arrepiantes, emocionados e complexos *Sonetos da despaixão do Miguel*, mas o que me deixou perplexo mesmo foram aqueles dezesseis poemas que transbordavam ironia ao percorrer caminhos tão solitários e íngremes que tanto fascinavam o garoto de dezenove anos que eu fui, leitor compulsivo que encontrava nos livros aquela palpitação e perda de fôlego desmedidas de quem está feliz, só e abandonado, “perto do coração selvagem da vida”, como uma vez escrevera Joyce e citara Clarice (e depois, o próprio Blank, nas páginas da mesma lendária revista *Você*).

Em cada verso, uma/duas/três/sei-lá-quantas arestas diferente. Impossível não me deixar atravessar por elas, ampliadas por rimas internas, intertextualidades, jogos verbais e semânticos inesperados, repletos de frescor mesmo quando se recorria às frases feitas (“a traça no ofício do osso faz a festa/ na dobradura do orifício”, em “*Origami*”) ou ainda as pequenas surpresas que me deixavam intrigado pelos dias seguintes (martelava-me incessante à cabeça, por exemplo, a dobradinha “os dias ímpares/ são meus dias preteridos”, como enigma sem solução). Naqueles tempos, de estudante universitário sem um tostão no bolso e salário de estagiário (in)digno dos anos FHC, comprar o livro do Blank era algo totalmente fora do meu alcance – restava-me, portanto, folheá-lo, discretamente, porém todos os dias, em qualquer livraria que eu passasse, apanhando-o da prateleira com aparente distração, como se fosse um livro qualquer, escolhido ao acaso, embora eu soubesse exatamente quais textos eu buscava reencontrar a cada vez que abria suas páginas.

Embora Blank não fosse uma influência direta no tipo de poesia que eu escrevia, ele era um dos autores que me serviam de contraponto. Seus enigmáticos jogos de citações, assonâncias e hipálages (palavra que só fui saber o que significava quando o José Augusto Carvalho escreveu o prefácio do meu primeiro livro – mas desde cedo um procedimento literário que sempre me fascinara) eram uma espécie de lição a ser estudada com afinco, antes de me aventurar a escrever um novo poema.

Mas vamos parar por aqui, porque este texto é sobre a obra dele, não sobre mim, embora como ocorre a todo leitor, seja impossível, para mim não lançar algumas escolhas e experiências pessoais

ao comentar livros que leio e que tanto têm a me dizer.

**A PENA AO LADO DO TINTEIRO EM CIMA
DE UM MÓVEL DE CEREJEIRA EM VERNIZ**

a solidão esferográfica
aquela que a gente sente
frente a um verso
na hora em que o poema insiste e se impõe
a gente não... eu
(Fragmento. In: A tabela periódica, 1993)

Retomo o desgastado chavão da escrita como ato solitário porque é isso que me vem à cabeça quando leio o conjunto da obra poética de Blank, que iniciou-se na escrita, ainda adolescente, durante uma solitária temporada em Guarapari, onde viveu com a família, numa casa isolada de tudo e todos, durante cerca de um ano (Sérgio fora criado em Cariacica). Longe dos amigos e percorrendo uma longa distância todos os dias para ir e voltar à escola, foi na literatura que ele encontrou algum terreno seguro, primeiro como leitor, depois como escritor. E esse sentido da solidão atravessa toda sua obra publicada, desde a estréia, aos vinte anos, com *Estilo de ser assim*, tampouco (1984), passando ainda por *Pus* (1987), *Um*, (1988), *A tabela periódica* (1993) e *Vírgula* (1996): “Eu os vejo como degraus de uma escada, seja ela para cima ou pra baixo, uma busca – essa busca é a da solidão da poesia”, declara Blank quando pergunto de seus livros, ressaltando ainda que todos os cinco foram pautados por amores (platônicos ou não), constituindo verdadeiras catarses, que muito me surpreendem por sua sofisticação.

Trata-se de uma escrita extremamente rebuscada, que tem muito a ver com o trabalho do modernista norte-americano e. e. cummings (escreve-se assim mesmo, em minúsculas), que o capixaba só iria conhecer no final dos anos 80, depois de uns dois ou três livros publicados – e essa descoberta quase o levou a desistir, como afirma no texto “*Memorabilia*”, depoimento publicado em 1997, na *Você*: “alguém já fazia, há muito, com perfeição, o que eu pretensiosamente, adolescente, intencionava”. Aliás, repare na precisão rítmica e sonora do pequeno trecho citado: o próprio modo de falar de si do Blank carrega muito do ritmo de seus versos. Uma fala tão esmerilhada que nos leva a crer que se trata de uma poesia lapidada por dias e dias a fio. E qual minha surpresa ao descobrir que é exatamente o oposto disso? “Eu sento e faço na hora, burilando na cabeça, no coração, no corpo. Os versos ficam caminhando comigo, mas não é por muito tempo não: dois, três dias no máximo”, é o que diz a voz suave que escuto ao apertar o play no gravador, enquanto transcrevo nossa entrevista, concedida num final de manhã de uma quinta-feira, depois do feriado de sete de setembro, numa sala da Biblioteca Pública Estadual, após a maratona de reler (prazerosamente), de uma vez só, os cinco livros de poesia que Blank publicou até hoje.

OS DIAS CONTADOS

ligue os pontos:

. 4 hs a partir do momento vem o apartheid do instante que é mais curto que o verbo quando ou soa mais culto/ou leg

. 8 segs ião de horas sem ponteiro/ou n

. 0 mint

úmeros de um relógio no pulso/ou salto no luto/pulo para o sol/ou

3.365 ds saliência do silêncio/que é est

a hora única...esta que desconto no instante ou no momento... é que o tempo tapeia todos e tolos fiéis ao tempo... com seus cantos (seus crânios e suas crônicas) e cabeças com dor decantadas em versos, proezas e sutis gêneros que só fazem mesmo é linha/lenha (embl

. 2 hs emas deste

templo hirto aos cristos e às crises/ambos

0,1 mint problemas críticos/

.24 hs inumeráveis
(In: Vírgula, 1996)

Dá mesmo vontade de ligar os pontos (inclusive as reticências, esses platôs de acúmulos de pontos inconcludentes) ao ler um poema desses, igual nos sugere o Sinval Paulino, autor do livro *Sol, solidão: Análise da obra de Sérgio Blank*. Publicado em 1997, *Sol, solidão* tem como base sua dissertação, apresentada no Mestrado em Estudos Literários da Ufes. Nele, Sinval faz um tour de force bastante preciso e instigante sobre os cinco livros de Sérgio – um resultado que, inclusive, acabou agradando ao próprio poeta. Aqui, nos é permitido desvendar um pouco do mosaico de citações que permeia a obra de Blank, principalmente quando nos deparamos com a profusão de epígrafes que jorram de Um,, terceiro de seus livros. Dos dezoito poemas, doze possuem epígrafes, que vão desde Shakespeare até os Doors e os Smiths, passando inclusive por dois textos fictícios:

“A rainha está morta, mas o santo espírito da Rainha Vitória flutua por entre os meus súditos.” (in: O que um vassalo deve saber sobre um suserano, Cap. II, Versículo XV, de Luis XIX, Rei de Lowlands)

“Ella Fitzgerald cale a boca, minha filha. Fique quieta ao menos uma vez. A taça de vinho está ao fim e vou sair.” (Benjamin Noctis, em início da noite do Último Sábado).

Tanto o livro de Luís XIX (o rei sem reinado, pós-revolução francesa), quanto o próprio personagem Benjamin Noctis são totalmente inventados pelo poeta, em mais uma prova de sua refinada e irreverente ironia (aliás, até hoje continuo me perguntando: que nação é essa tal Lowlands que Blank sempre cita nos seus versos?). Mas o que mais chama a atenção aqui, e que Paulino demonstra muito bem é que, com a rede de referências que se estende por todo o livro, “Sérgio Blank abre as

possibilidades de leitura de seu Um,, mas ao mesmo tempo as fecha, tornando citação e poema uma só obra” (p. 43).

Sinval Paulino enxerga epígrafe e poema como um conjunto fechado, uma unidade, ainda que possamos sair do poema em direção à obra citada e estabelecer outros percursos, já que o intertexto exige do leitor “percorrer os corredores da biblioteca” pessoal de cada autor, mostrando-lhe o caminho a trilhar. Sinval ainda conclui, a partir disso: “O autor de Um, toma para si o saber que ele mesmo acumulou e produz neste caldeirão a sua obra”(p. 43). O próprio Sérgio afirma que a proliferação de referências textuais e culturais em seus poemas (não só nas epígrafes) vem muito de uma avidez pelo conhecimento, desde os momentos de leitor adolescente compulsivo, o que justifica inclusive a mistura de fontes culturais tão díspares, não só do cinema, da música erudita, do pop-rock oitentista, da literatura canônica, mas também de elementos da cultura de massa, que abundam no cotidiano do artista.

Talvez vocês estranhem a vírgula que insiste, nos últimos parágrafos que escrevi, em acompanhar o título do terceiro livro de poemas de Blank. Não se trata de um erro de revisão: Um,, o livro, inclui esse sinal de pontuação em seu título, e ele lhe é tão essencial que não pode ser deixado de lado. Afinal, essa vírgula sugere a possibilidade de uma enumeração de elementos que, se levarmos em consideração o jogo das epígrafes acompanhando dois terços dos poemas, transmite uma idéia de continuidade, como se a leitura do livro não se encerrasse ali, como se o tempo todo ela remetesse a outros textos, inclusive os não citados nominalmente no que foi impresso nas páginas desse delgado volume. E esse cuidado com os sinais de pontuação (ou a ausência de, em alguns casos) é algo extremamente proposital, configurando-se como engrenagem essencial na mecânica daquilo que o Reinaldo Santos Neves, no prefácio de Vírgula, refere-se como o “inimitável sergioblankismo do verso”.

Hoje resolvi escrever
Sobre a função
Da poesia
Na cultura
Da sociedade atual
Só consegui fazer esse verso:
Os óculos abandonados à mesa viram tudo
(Fragmento. In: Estilo de ser assim, tampouco, 1984)

Aliás, os cinco “degraus” da escada que aqui estamos percorrendo apontam para uma certa depuração da forma, à medida que o percurso vai se estendendo: os versos vão se tornando intrincados, e o esforço de síntese passa a atingir também o número de poemas em cada livro: dos 73 poemas presentes no volume de estréia, marcado por um certo excesso juvenil, chegamos a pouco mais da metade em A tabela periódica (38 poemas), até o minimalismo de Vírgula e seus dezesseis petardos tão certos (embora Um, já apontasse essa concisão em seu conjunto de dezoito poemas).

Blank também passa a publicar menos: se os três primeiros livros foram lançados num período de apenas quatro anos (1984-1988), seriam necessários mais cinco para que A tabela periódica viesse a público, e outros três até ele silenciar de vez com Vírgula (de lá pra cá, confessa Sérgio, ainda foram escritos dois ou três poemas solitários). Se bem que, na década de 90, a geração capixaba revelada na década anterior, como um todo, passou a publicar com menos frequência, porém com maior grau de exigência e refinamento textual: “naquela época, todo mundo parou para refletir um pouco. Foi o meu caso: eu fui parando, aos poucos, me envolvendo com as oficinas, com a edição de livros e parei de escrever de vez”, confessa Blank, ressaltando que suas experiências ministrando oficinas literárias para toxicômanos (no CPTT) e pacientes com transtornos mentais graves (no CAPS), durante boa parte dos anos 90, foram cruciais para refletir sobre o porquê da escrita. Uma pena que o resultado disso seja o silêncio de uma das vozes mais instigantes de nossa poesia, já há quase quinze anos.

EINMAL

uma vez em lowlands
senti calafrio no porta-luva da aorta inferior
& compaixão na cava superior junto à lareira
mesmo assim fiz atchim e sniff mesmo sim
(Fragmento. In: Um,, 1988)

A ÂNCORA DA ÁRVORE

achar um adjetivo que não seja solidão
mas a solidão não é adjetivo nestas bandas
para mim – nos rastros do meu quarto – é verbo mal
conjugado
a gramática dos coerentes me obriga a não usar adjetivos
ponderar – centrifugar – a pontuação dos versos com metros
restituir as rimas de seu exílio e anonimato – sofisma
contemporâneo
mas, de novo o ‘mas’, a solidão é meu título
o que eu faço – ponto de interrogação
sublinho
(In: Vírgula, 1996).

Parágrafos atrás, eu disse que esses livros tinham a ver com paixões amorosas, mas também com a solidão e a angústia, vivenciadas não só pelo poeta mas também operando como uma espécie de tradução de um sentimento de tédio que, segundo ele, caracterizou bastante sua geração, que atinge a vida adulta numa época em que não havia mais revolução alguma a ser feita, nem política, nem sexual, ou até mesmo narcótica. Para Blank, ao mesmo tempo em que nos 80 tudo parecia ser possível e pouco ainda havia a contestar (embora acredito que o Balão Mágico com certeza discordasse disso na época, dado o caráter transgressor de várias de suas atividades no cenário capixaba do mesmo período), havia uma certa tendência, que sua literatura de certa forma traduz, a se voltar para os dramas cotidianos e individuais, assumindo

um caráter um tanto pessimista, que na época chegou a ser associado (erroneamente, reforça o poeta) a uma imagem de artista dark, junkie, niilista (Blank, indignado, chega a dizer que teve crítico, na década de 80, afirmando que ele era um leitor contumaz de Baudelaire, autor que sequer lhe despertou grandes interesses como leitor).

Se, por um lado, trata-se de um conjunto de textos repletos de uma certa ironia esquizóide, radical e irreverente que permeava a poesia jovem, pós-marginal, pós-moderna (como bem ressalta Francisco Aurélio em seu livro *A modernidade das letras capixabas*), a poesia de Blank, lida hoje, evoca muito mais uma vontade de se lançar ao mundo, ainda que melancólica e cheia de arestas (afinal, seus versos ainda soam afiados), do que com uma resignação niilista e cabisbaixa que tanto marca uma certa estética dark dos 80. No final das contas, é uma visão de mundo que soa muito mais próxima da voracidade inconformista, ao mesmo tempo cool e dilacerante do pós-punk britânico (e as epígrafes dos Smiths não estão lá à toa) do que de uma aceitação passiva de um mundo que oprime o indivíduo e a fragilidade de seu próprio corpo, obrigado a se inserir na asfixiante lógica do trabalho capitalista e na necessidade de amar, ainda que tais experiências tenham também uma dimensão do absurdo – e aí chega a vir como um soco os versos de “O ilustre desconhecido”, publicado em Pus: “ilustre um desconhecido/ separe do resto e ame com propriedade” (quem nunca passou por isso, afinal?).

SUBSTANTIVO FEMININO

os meus duzentos e onze ossos pedem
um pouco mais de carne: esmola-naco
os músculos não contam
a crônica de fermento em pó – nas bocas do fogão
aquele músculo entre as coxas está amarrotado como quê
qual fronhas colhidas na trouxa para a lavadeira
ao lado da botija de gás na área de serviço – meu coração
que não tem cobertor e muito menos colcha-de-casado
e fronhas sujas de travesseiros-pares
alcatra/ chã-de-dentro/ bife mal-passado
não faz a diferença à minha fome flamber
solidão – sentença com sete letras e um til
(In: Vírgula, 1996)

Aliás, o Morrissey, o Morrison, o burburinho da Lama em meado dos anos 80, o Parque Moscoso do final da mesma década, estão todos ali, ruidosos, urgentes, nas entrelinhas desses versos, verdadeiros atestados do presente em que foram concebidos. Contudo, essa urgência vai, aos poucos, dando lugar a uma escrita mais serena, a uma observação mais detalhada do tempo deslizante e quase imperceptível do cotidiano, nos incontáveis dias ímpares numa terra em que solidão é verbo mal-conjugado que insiste em estacionar nas rachaduras das paredes dos quartos quase vazios e semi-silenciosos. “Eu fui perdendo essa relação doentia com o tempo depois da experiência com a

loucura, nas minhas oficinas literárias. O louco tem uma relação especial com o tempo: é fundamental pra ele saber que ele está aqui, agora, vestindo uma camisa amarela, que você está com uma camisa verde que são onze da manhã do dia tal. Ele precisa saber disso para manter o pé no chão. Passei a rever o meu tempo depois disso: hoje, eu tenho o meu tempo, eu faço o meu tempo, e nada me irrita mais do que as pessoas que dizem que não tem tempo pra nada”, afirma Blank.

BRICABRAQUE

o meu sentimento leitmotiv sem moldura adequada
destoa por meu corpo-hóspede
a mobília que incomoda a valsa
o coração este guarda-chapéus ao lado da porta
em que o par-sul sai e eu fico ímpar-norte
no living de pensão beira-asfalto
onde não sou hóspede mas camareiro
não quero não ousar bordar ou talhar
sofisticar a mágoa esta prima em primeiro grau
do ciúme do clã da dor-varejeira
que lateja como meu coração craquelê
a suavidade que me resta se faz estilizada
é a parte da memorabilia do meu coração resguardado
(in: A tabela periódica, 1993)

E, se Vírgula é o coroamento desse processo, poucos minutos antes do silêncio absoluto, cabe aqui retomar as palavras de Reinaldo Santos Neves ao escrever o texto de apresentação desse livro: “Uma pergunta subliminar parece pulsar nas entrelinhas dos poemas: como pode o homem, criador de tanta riqueza espiritual, ser a bosta que é e que tende a ser cada vez mais a cada passo que dê pra amanhã? Esse é o problema. Sua solução se desdobra numa infinita múltipla escolha, em que nenhuma das respostas está certa, e nenhuma está errada. Não é à toa que uma das palavras-chave da poesia de Blank seja ponto de interrogação”.

Talvez seja isso a que ele se refira quando fala de “sergioblankismo do verso”, algo que teria o “selo de suas idéias em ziguezague”. Sérgio Blank e seu “sangue azul esferográfico/ blonde avec blank (a loura da Gillette)” (trecho do poema “Os meus inquilinos”, de Pus – e que também me remete a Safira, livro infantil que ele publicou em 1991), pronto para fazer o mundo terminar num ponto de interrogação, como afirma Reinaldo, numa inversão da lógica proposta por T.S. Eliot, em seu poema Os homens ocos. E, nesse caso, sem sussurros ou explosões, quem se arriscaria a responder tal enigma, sob o doce risco de manchar os dedos intensamente, nesse azul todo?

Cartão de Ponto

Nº 01

Jeanne Bilich e Amylton de Almeida

Por: Daniel Vilela

Observação:

| Dia | Manhã | | Tarde | | Noite | |
|-----|---------|-------|---------|-------|---------|-------|
| | Entrada | Saída | Entrada | Saída | Entrada | Saída |
| 1 | | | | | | |
| 2 | | | | | | |
| 3 | | | | | | |
| 4 | | | | | | |
| 5 | | | | | | |
| 6 | | | | | | |
| 7 | | | | | | |
| 8 | | | | | | |
| 9 | | | | | | |
| 10 | | | | | | |
| 11 | | | | | | |
| 12 | | | | | | |
| 13 | | | | | | |
| 14 | | | | | | |
| 15 | | | | | | |
| 16 | | | | | | |
| 17 | | | | | | |
| 18 | | | | | | |
| 19 | | | | | | |
| 20 | | | | | | |
| 21 | | | | | | |
| 22 | | | | | | |
| 23 | | | | | | |
| 24 | | | | | | |
| 25 | | | | | | |
| 26 | | | | | | |
| 27 | | | | | | |
| 28 | | | | | | |
| 29 | | | | | | |
| 30 | | | | | | |
| 31 | | | | | | |

graciano
Literatura Brasileira Feita no ES

Eu tenho problemas com o tempo.

E com tudo que é do tempo. Não uso relógio, não olho pras sombras pra não cair em tentação cronológica, estou sempre atrasado e não sei usar meu cartão de ponto. Escolhemos o divórcio. Eu num canto, ele no outro. Mas, quando dá, ele vem, chega e me dá uma pernada. E eu sempre caio nela.

Da última vez, me aparece um professor e, a pedido de um bando de gente que, ao contrário de mim, anda assim e assado com o tempo, resolve costurar um monte de histórias, um monte de vidas e montar um livro de biografias. Então veio ele com as mãos em concha: “Vai, sorteia um”.

E estava lá: Amylton de Almeida. Já não era mais o meu tempo. Era o de outra pessoa. Morto há 15 anos. E lá vou eu remexer no tempo dos outros, de olho no meu, quando entro num apartamento repleto de relógios, cada um em seu horário, em seu trabalho, quando uma senhora loira senta do meu lado e começa a falar. Era Jeanne.

Os textos que você lerá a seguir, na verdade, são duas tentativas de achatar o tempo e colocar na carteira, do lado das sementes de romã e todas as superstições.

O primeiro, de Jeanne Bilich, grande bruxa, luz guia. Em seguida, um trecho do perfil do multifacetado Amylton (jornalista, cineasta, escritor e crítico de cinema), integrante do livro-reportagem a ser lançado em novembro pelo Projeto CoCa – Comunicação Capixaba, orientado por outro guia, mas não bruxo, o professor José Antônio Martinuzzo.

Em comum, Jeanne e Amylton possuem uma série de coisas, numa amizade de vida inteira: Amylton viria a falecer em 12 de outubro de 1995, mesmo dia em que Jeanne completaria 47 anos. E ambos também interessam à Revista Graciano por serem escritores. Amylton publicou três romances em vida. Jeanne, atualmente cronista de A Gazeta, publicou, no ano passado, o volume de crônicas denominado Zeitgeist.

Blonde Forever (Jeanne Bilich)

I. O primeiro relógio soa em ponto.

Não há mais espaço nas paredes do castelo, tudo é coberto por uma série de relógios, de fotografias e lembranças, como se em vez de tinta e reboco, tudo fosse coberto de memória e tempo, do instante ao século. Chama-se este apartamento de castelo porque ali mora uma bruxa: a bruxa Bilich. Não me recordo, no entanto, de ver qualquer vassoura: hoje em dia, com essa história de caos aéreo, até o 214 passa a ser mais eficiente.

De certo, todo mundo que mora naquele mesmo prédio acredita que Jeanne seja uma feiticeira ou algo além. Certa vez, um grupo de senhorinhas calorosas bateu naquela porta e perguntou, se por acaso, Jeanne gostaria de participar da novena ou da quaresma. Ela respondeu que era atéia e, antes que pudesse fazer qualquer coisa, aquele grupo já tinha feito: desaparecido, fugido, por entre as escadas e o elevador antigo, como se tivesse visto ali um fantasma, o bicho papão. De certo, uma bruxa.

II. O relógio ao lado está 10 minutos atrasado.

Jeanne Bilich, carioca, chegou ao estado na década de 1960. É advogada, radialista, jornalista e Mestre em História Social das Relações Políticas pela Ufes, cuja tese é uma biografia de um grande amigo, o também jornalista Amylton de Almeida. Em 1974, Jeanne iniciou sua carreira como repórter do jornal A Gazeta e, logo depois, visto que o tempo é plástico e o depois pode ser, para mim ou para você, um instante entre dois minutos ou três séculos, foi a primeira âncora do Jornal Hoje, telejornal local na década de 1980.

A televisão resiste a uma ditadura da minutagem, do tempo contado, do contato com a superfície. Jeanne gosta de ressaltar que sobreviveu a quatro ditaduras. A primeira, no Colégio do Carmo, uma espécie de campo de concentração católico, onde ainda se vê o fantasma de Tomás de Torquemada flutuando pelo pátio; fugia do colégio com frequência, para se esconder e ler todos os livros que as feiras proibiam. Sentia-se Anne Frank. Tinha as cartas violadas, deparava-se com grandes trechos cobertos por tarjas negras, incompatíveis com a fé cristã.

III. O cuco está 5 minutos atrasado.

Dos dogmas cristãos, outra ditadura: o casamento. Uma vez, conta Jeanne, uma aluna de certa faculdade de Comunicação da Grande Vitória foi até o castelo. Queria uma entrevista. Deparou-se com o gato de Jeanne, o Nietzsche. Perguntou sobre o amor, sobre o marido, a separação, o universo e tudo mais. Circulou pelos corredores, pelos cômodos. Se deparou com uma foto de um gato e de um senhor com um longo e volumoso bigode. A foto do felino

embaixo. A do homem, um pouco acima. Prontamente perguntou:

- Jeanne, este é o seu marido?
- Não, querida. Este é Nietzsche!
- Não, Jeanne, não falo do gato! É do rapaz de bigode!

IV. Aquele relógio parece que não funciona.

Algumas situações parecem ser clássicas e não precisam de muita explicação. A ditadura seguinte, a militar, a do golpe de 1964. Para quem, na porta, já pendura um aviso sobre a liberdade, não é preciso dizer mais nada sobre os tanques, Brasília, os generais e a anistia. Mas há mais uma ditadura, a última, a que faz Jeanne lamentar que viveu por todo o tempo e morrerá presa à ela: a econômica. Tudo hoje é instável, irregular, mal-humorado. Tudo está confinado à lógica das bolsas de valores: uma vai e vem, sobe e desce, de números, de horas, de tudo.

É a única coisa que prende Jeanne. A aposentadoria como jornalista, é claro, não é lá muito maior do que os salários, talvez suficiente apenas para conservar o hábito dos cigarros, na piteira, é claro, e dos livros. Trabalha como conselheira da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, ganha mais algum trocado. Dá para viver bem. O suficiente para, na próxima estação, na baixa temporada, fazer o que mais gosta: tomar um avião, sem algum rumo certo, e conhecer o mundo.

Ou seria de vassoura?

IV. A parte de Judy Garland *(Amylton de Almeida)*

A redação do jornal sempre se mostrou como uma extensão da casa de Amylton de Almeida. Durante o tempo em que esteve na equipe de "O Diário", o jornalista experimentou um dos momentos mais produtivos de sua vida, em que se sentava à máquina de escrever por volta das quatro ou cinco horas da tarde e só saía dali de madrugada, com páginas e páginas de ficção escritas.

Seu maior, talvez, êxito na Literatura, Autobiografia de Hermínia Maria, foi publicado cerca de vinte anos depois de escrito. A pedido de Cláudio Bueno da Rocha se aventurou pelos caminhos da ficção, de maio de 1971 a setembro de 1972; entretanto, entregou os originais da obra a Francisco Aurélio Ribeiro, no intuito de publicação, apenas em 1993. Antes disso, publicou A Passagem do Século, em 1976, e Blissful Agony, em 1988. Nenhum dos dois tem

a mesma sofisticação estilística de Hermínia Maria, o qual se encontra em forte diálogo com o Nouveau Roman – movimento literário francês caracterizado pela busca de novas formas narrativas –, sobretudo com a obra de Alain Robbe-Grillet.

Um dos elementos marcantes do livro resume boa parte de um dos mais complexos conflitos de Amylton: a sexualidade. Devido a sua posição de homossexual – que defenderia em diversas ocasiões, como no ensaio “O Dia do Enterro de Judy Garland” –, foi um dos jornalistas mais visados pela censura do período militar. Juntamente com Milson Henriques, também homossexual, foi responsável por inúmeras noites em que Erylto dos Anjos, então editor do Caderno Dois, de “A Gazeta”, precisou passar em claro, dando explicações aos órgãos de imprensa militares.

“Alguns acham que eu devo suprimir o trecho ‘Exercícios da Via Crúcis’ porque pornográfico. Mantive”, escreve Amylton na carta que acompanha os originais de Autobiografia de Hermínia Maria. No livro, o conflito entre a homossexualidade de Felipe e a bissexualidade vampiresca de sua irmã, a protagonista do título, culmina numa descoberta dolorosa do sexo, por intermédio da repressão e da incompreensão dos desejos.

E, por falar em desejos, este era um dos maiores desejos de Amylton: ter filhos. Durante algum tempo, manteve um relacionamento marcado por uma retribuição de afetos e carências com a também jornalista Zuleika Savignon. Casaram-se logo depois. Como diz Jeanne Bilich, parece que na Cidade Alta, num tão particular centro de Vitória, alguma espécie de happening aconteceu num pequeno cartório, diante a um juiz de paz. Toda a máquina burocrática parou para ver a celebração daquele casamento e, pouco depois, a cidade comentou, com ironia e sarcasmo, a sua dissolução dezessete dias depois. Há quem diga que ela não aguentou o entre e saiu da casa do marido, as muitas horas que, trancada a cozinha, passava a fritar camarões para oferecer aos convidados.

As tentativas de contato com Zuleika, para este perfil, não obtiveram sucesso.

Amylton de Almeida faleceu no dia 11 de outubro de 1995. Dez anos após sua morte, fica aqui a homenagem da revista Graciano em memória e à memória de sua amizade com Jeane Bilich. Tomamos a liberdade de reproduzir aqui também um trecho de sua carta de despedida, escrita poucos dias antes de sua morte e que explicita muito bem esses laços fraternais que nos levaram à escolha de trazer seus perfis de forma conjunta.

Jeanne:

Você é minha ópera especial e inacabada. Não porque seja incompleta, mas porque a cada dia sofre o acréscimo de novas e indizíveis árias. Minha amiga, irmã, companheira. Meu passado, minha memória, meu arquivo secreto. Você é e sempre será tudo o que eu precisava encontrar ... Nossas histórias se confundem, nossas limitações do passado se equivalem. Mesmo se eu não estiver respondendo a nenhum estímulo, não me deixe só. Fique comigo. Perto. Segure minhas mãos. Fale comigo. Sua erudição é sua marca e as bandeiras que empunhamos nesta vida foram muito parecidas. Amo você, tanto quanto a mim, e admiro esta sua aparente fortaleza com que protege sua carne viva e sua personalidade nobre e fina. Blonde Forever, até sua reclusão é chique... Não suma. Te amo. Beijos. Comporte-se!"

Amylton



Dúvidas?

Sugestões?

CRÍTICAS?

Quer se comunicar com a equipe editorial da Graciano - Literatura Brasileira feita no Espírito Santo? Colabore enviando seu conteúdo, sugestão ou crítica para o e-mail:

contato.graciano@gmail.com

Ou acesse nosso blog:

revistagraciano.wordpress.com

Os Cronópios têm manual de instruções de como dançar, cantar, sobre a forma correta de ter medo, como entender quadros famosos e também um capítulo exclusivo sobre como matar formigas em Roma. Entretanto, o nosso preferido é esse sobre Literatura. Ajude-nos a divulgá-lo, enviando o link via twitter, e-mail ou mesmo no msn para os seus amigos!

Colaboraram nesta edição

ASTRID MALACARNE

BRUNELLA BRUNELLO

CAROLINA RUAS

DANIEL VILELA

ERLY VIEIRA JR.

FERNANDA BARATA

GIAN LE FOU

ISABELLA MARIANO

JOÃO LIGEIRO

LEANDRO REIS

LÍVIA CORBELLARI

LUARA MONTEIRO

LUCAS SCHUINA

LUCAS ROCHA

MARCELA COELHO

SIDNEY SPACINI



Minha mãe é meio BRANCA. MEU *PAI* é PRETO. Nariz de barraca. *A filha* do seu *Polovsky* acharia **meu pai** feio. ELE era bonito. **EU** sou bonito. NÃO SOU MULATO. Mulato é **FILHO DE MULA**. Eu sou **PRETO. NEGRO.**

4. Adilson Vilaça

